HUGO LEAL

ROSAS
DE MAIO

Que se puede pensar cuando el corazon
¡rebosa vida, ilusiones, fantasia?
EMILIO CASTELAR.

PARIS

IMPRIMERIE - TYPOGRAPHIQUE A. POUGIN
1878

À monsieur F. Denis
hommage de

Hugo Leal

ROSAS DE MAIO

HUGO LEAL

ROSAS
DE MAIO

> Que se puede pensar cuando el corazon
> rebosa vida, ilusiones, fantasia?
>
> Emilio Castelar.

PARIS

IMPRIMERIE-TYPOGRAPHIQUE A. POUGIN

1878

1872 A MARÇO 1877

A MEO PAE

D^{r} ANTONIO HENRIQUES LEAL

AO LEITÔR

DAS ROSAS DE MAIO

Mes premiers vers sont d'un enfant.
A. de Musset.

Estas Rozas sem fragrancia,
São flores do coração,
Brotadas — na minha infancia —
Colhidas — inda em botão. —

Timidas flores medrosas,
São estas as pobres rozas,
As rozas que ireis rever,
Clemencia p'ras loucas flores;
E' crime — fanar-lhe as cores —
— Murchal-as inda a nascer. —

Paris, março 1877.

LIVRO PRIMEIRO

— ADEJOS —

Á MINHA AVÓ

D. ANNA F. CORDEIRO VIEIRA

I

AOS MARANHENSES

Rasgue-se o crepe das funereas tumbas!
Erga-se o jaspe dos marmoreos leitos!
Surjam brilhantes do poento olvido,
Genios — sem crôas, immortaes — sem preitos!

Barcas errantes que no mar das luzes,
Pelos escolhos do saber correstes!
Venho saudar-vos luminosos raios
Que a patria minha do seo nada erguestes!

. . . .

Mendes — sacrario dos direitos nossos!
Sabio levita que escudando a lei,
Nas densas nevoas da manhã de um povo,
Guiaste a plebe que expulsava um rei!

Douto Sotero que ao cantôr de Eneas,
Em lusos versos lhe enobrece a falla,
N'esse clacismo do dizer de Barros,
N'esse exprímir-se que a Filinto iguala.

Divino archanjo de um viver d'instantes;
Genio enflammado que expirou de amôr!
Som de harmonias orvalhado em prantos.
— Gonçalves Dias... o ímmortal cantor!

Joaõ Lisbôa — o prosador egregio,
Souza — o La Place, o Galileu moderno,
Que no seo craneo, tinha dentro um mundo
Traçado em fogo por um Deos superno.

Falcão — guerreiro valeroso e altivo.
Costa Ferreira — justiciero e franco.
Joaõ Ignacio que ao pequeno escuta,
E aó réo quér grande lhe macera o flanco.

Luz inspirada que brilhaste esplenda,
Fendendo as trevas que obumbrava' um sol;
Vestal que a chamma reviveo zeloza
Da liberdade — oh divinal Pharol.

Oh Sa, Trajano, tu Gentil e Marques;
Vos óh poetas no gemer das lyras!
Vates sublimes — caprichosos cysnes
Movendo o collo entre ideaes saphiras.

Nobre Furtado, Alves Serraõ distinto,
Sabio entre os sabios cá da Europa culta,
Dias Vieira, Joaquim Franco e Serra,
Que a todos estes com seo genio occulta.

Filho do seclo! Guttemberg de hoje!
Fraco operario que o lutar prostrou...
Em Belarmino transformou-se a blusa
N'um manto d'oiro que o Senhôr sagrou.

Saudo — a brisa perfumada em cantos.
Saudo — a patria que o Senhõr fadou.
Saudo — o berço que embalou gigantes.
Saudo — a estrella que os glorificou.

Oh! Maranhenses! este canto é vosso
É rude, é probre e é de fraco athleta...
Basta que saibas que é do fundo d'alma,
Que saõ gorgeios que a criança enceta!

Paris, 76.

II

A ANTONIO GONÇALVES DIAS

Depois d'elle morto remiu a posterida de tudo quanto padeceu entre os homeus.

A. Henriques Leal. — *Panth. Mar.*

Oh genio infinito! condõr — nas alturas,
Na terra — vulcão!
Etherea harmonia hanhada em perfumes;
Suave alaúde dos ternos queixumes,
Da louca paixão!

Esphera tombada dos ermos celestes
Qual foi teo cortar?
Que lá nos altares do templo da fama,
Fizeste seos mythos... de um brilho de chamma
Tremer, vacillar.

As aguias se dormem... é la pelos serros
Dos Andes alpestres,
Ou laças se entranham nas nuvens rasgadas...
Jamais sobre a terra farejam poisadas
Mesquinhas, terrestres.

Tu foste qual aguia na hora solemne
Do eterno dormir;
No fogo divino teo genio apurado
Serrio-se da terra... sepulcro acanhado
Que tia oprimir.

Subiste... subiste... voando a perderes
A aguia no adejo,
E lá nos espacos co' o sol te encontrando
Mediste-o, foi luta... — dois mundo pugnando
Lampejo a lampejo.

Vencido e prostrado fallou-te esse hercules
De fogo... a tremer:
—Que indagas? que mandas? mortal que procuras?
—Eu busco um sepulcro pra mim nas alturas? —
Me sinto morrer? —

—Quereis o meo leito? Sou grande, infinito...
— Teo leito é bastante?
— Sou grande..., és immenso... mas elle é jazigo
D' este orbe de chammas que trata comtigo —
Do sol rutilante

—Teo leito em que mundo? gigante entre os astros;
Eo sol de bruçado
Por sobre os abysmos... — Que sentes oh Dias?
— Eu bebo perfumes! e ao som de harmonias
Vagueio embalado.

— Que vês? Mil barquinhas pairando no argento
Que fero esbraveja,
Que os membros repulsa na luta estendidos,
Cortando mil raios que tombam partidos
Sem força na pleja.

— É este meo leito. — Nos pampas celestes
O sol se obumbrou...
E o genio da terra baixando nos ares...
... Cravados os olhos nos longes palmares...
No mar se afundou.

Oh gloria dormida no vacuo espaçozo
De atroz soledade!
Teo jaspe — a mortalha revolta do Attlantico —
E o ronco das vagas — teo requiem, teo cantico
De dõr e saudade! —

Permitte que o filho nascido ao perfume
Das brisas do Anil...
Permitte-o que venha lançarte esta crôa,
Tecida na lyra que debil entõa
Por maõ juvenil.

Paris, janeiro 1877.

III

DEOS

No surdo trovejar que a terra abala
Desgarrando-a dos pollos... Deos! te sinto.
Teo mando — no correr da hyperbole em fogo
Que o espaço deixa aceso, rubro, tinto.

Das vagas no rolar da espuma alventa
Nos ares sacudida aos ceos lambendo;
Nas lavas do vulcão que um povo apaga
Cinerario lençol n'elle estendendo;

Nas alturas, no mar, nos ceos, na terra;
No fundo dos abysmos negrejantes;

No ermo, na amplidão, na luz, nas trevas;
No sulco das estrellas fulgurantes;

No nitrir dos corseis que em raiva estoiram
Das procellas ao coche aparelhados;
No athletico tremôr que o nosso globo
Desloca; nos atomos espalhados

— Qual poeira de luzes nos espaços;
No sol irradiante e esplendoroso;
Na aurora que reponta... em tudo vejo
Quanto és grande meo Deos, quão poderoso!

Observo-te, Senhõr! no crescimento
Do fruto, que germina de uma flõr,
No rojar-se do verme e da serpente;
No voar da borboleta e do condõr.

Das aves e cristaes nas harmonias;
Da brisa no perfume... e no tremer
Do pulso ao suicida... es tú! me prostro
Ao mando teo, Immenso! e ao teo poder.

Seminario de Coïmbra. — 1871.

IV

A NAUFRAGA

> Ses lèvres, comme un bouton de rose cueillie... Ses beaux yeux étaient fermés... Elle paraissait enchantée par l'ange de la mélancolie et par le double sommeil de l'innocence et de la tombe.
>
> CHATEAUBRIAND.

Eil-a estendida na arenosa praia!
Frouxo luar no transcorrer do anil
A alva roupagem que lhe vela as formas,
Prateia em beijos, em caricias mil.

Eil-a estendida! — mallo grado anjinho
Que aos ceos tão breve seo voar alçou,
Deíxando — ingrata — sobre a terra em dores,
Soffrer o esposo que ella outrora amou,

Nas ledas horas do infantil regaço,
Nos tempos idos que se chama — infancia,
— Aurora, vida, flecidade, anhelos,
Graças, arrufos, gazear, fragrancía.

As loiras tranças que feliz eu hontem,
Na calma sesta anediei gostoso...
Hoje se espalham por seo collo eburneo,
Qual véo cynerio de um brilhar saudoso!

Hoje estas tranças ensopadas deíxam
Correr n'ellas silente o sal das aguas,
Em borbotões correr o pranto meo
— Sôro vertido de profundas maguas. —

Eil-a estendida, inanimada, fria,
Immovel, regelada, hirta, sem cõr.
Ella é morta! Ella é morta? Oh! não n'o creio
Porque posso descrer de ti, Senhõr!

Ja não cora?... não treme?... não respira!
Ella é morta meo Deos! deíxou-me... e sempre...
Sosinho a anciar a vida em prantos,
Lançado o corpo meo em rubra pira...

Viver sem ella é consumir a vida
Nadando exhausto sobre un lago em flammas,
— É ter sellado o coração n'um tumulo
Trocando em gelo suas fervosas chammas;

É desvairado ter em fogo a mente,
Vasio o craneo, o coração vasio,
Onde ella virgem no seo plumbeo somno,
Durma ao soluço de um cantar sombrio.

Paris, novembro 76.

V

MALDIÇAO

> Les hommes d'imagination sont éternellement crucifiés ; le sarcasme et la misère sont les clous de leurs croix.
>
> *Chatterton.* — A. de VIGNY.

Maldita seja a hora em que me destes
Uma alma de poeta, oh meo Senhõr!
Que me coube!? por dote — o soffrimento —
Por apanagio — a dõr —

É triste, vir ao mundo e fóra délle
Sempre e sempre viver...

As turbas dirigir-se e d'essas turbas
O escarneo receber;

Chorar de alheias dôres, pranteando
O pobre — o fraco — a infancia,
E em troca, recolher — a esmola — a ajuda
— O riso que apunhala — a petulancia;

Muitas vezes formar de um povo alpestre
Um imperio -- um condôr — nação colouço
De quem o mundo falle... e a recompensa
— Um leito... um calabouço!

A miseria por premio; e a indifferença
Que mata e que subjuga até curvar...
Como gelo que deve os rubros fogos
Da ardente alma apagar;

Como ordem de silensio — gargalhadas —
Se á meza dos festins... se ao lupanar...
Ou se ao leito suave das orgías
Um ai vem murmurar;

Gargalhadas — se á salla dos espelhos
Onde rola o anadema

Da virgem — luz sem nodoa — chega embalde
Do vate uma poema.

É triste muita vez nas ante vesperas
Da bronzea calumnata, mendigar
De porta em porta a esmola... e agrande custo
Um frango, um pão tirar!

Lisbóa.

VI

DILIRIO

Que febre insana me devora a vida,
Eum mar de chammas em meo craneo lança
Em labaredas me consumo todo,
Evapora-se-me o ser, minh'alma cança.

Minh'alma cança em delirante anhelo
Que perpassa medonho em meo sonhar;
Meo sôpro esvae-se n'um lascivo beijo
Que em lousa sepulcral eu fui gravar.

Ronca meo peito qual vesuvio acceso
Pela atra furia de voraz paixão;
Dos labios meos gelados se derramam
Lavas sangrentas de um gemer em vão.

Dorido em minha enxerga eu me rebolco,
Em noite ardente de cruel insomnia;
Visoês espectros, bachanaes, volteiam,
Volteiam monstros de cariz plutonia.

Todos meo leito no bailar rodeam,
Cantos do inferno em meos ouvidos morrem;
Eu ouço gritos, soluçar, lamentos,
Pragas e insultos que no sangue correm.

Na fronte eu sinto o latejar damnoso
Febril a rescaldar-me em igneo ardõr,
Meos labios tremem — soluçando beijos —
Meos beijos queimam — perjurando amõr —

A meo corpo abraçado um corpo sinto,
Apalpo um ser ínerte e regelado,
Nos labios delle pairam rôxa espuma...
— Cadaver de mulher jaz a meo lado —

Suarento agonizar meo corpo inunda,
Meos cabellos em pasta são molhados;
Sobre mim Satanaz espreme as roupas
Vestidas n' hora extrema aos condemnados.

Lisbôa, — junho 76.

VII

AO CHEGAR A PARIZ

A meo caro poeta e amigo, A. Vallabregues,
mavioso cantor das « Baigueuses »

O POETA

É reflexo de um sonho que se mira
No tranquillo sereno da minha alma?...
Ou bem somnambulismo?... Arqueja oh lyra...
Embebe-te meo ser em morna calma.

A MUSA

Eis-me tua,
Langue e nua

A tremer;
Vem n'um beijo,
N'um lampejo,
Me incender.

Secca o pranto...
Vê o encanto
De Pariz!
Não suspira...
Trava a lyra...
Canta... diz...

O POETA

Cantar mandas... o que? — Vapores... sonho vago!
Onde estou? onde pairo? — é sobre um manso lago,
Ou córto em vôo de aguia, a terra, o vacuo, o espaço?
Não... que eu sinto gemer as pedras ao meo passo;
Lobrigo qualquer forma etherea, indeciza...
Se luz... é frouxa luz que vem, passa, desliza...
Se mulher... é mulher!... que da por um luiz
Uma noite... um praser... percebo—eis—me em Pariz!

Mas... como! eu em Pariz! Na ardente prostituta,
Na Athenas libertina e gasta e dissoluta;

Cleopatra, Ninon da eterna mocidade!
Leito de fôfa pluma... Oh magica cidade
Da lama e do cristal, do marmore e das miserias
Com lepras pelo corpo e o oiro nas arterias!
Oh Grecia no triumpho, oh Roma na virtude
Antes do Rubicon fechal-o no athaude!

Que silencio mortal! Pariz arfa cançada,
No leito seo de arminho — a noiva dorme fada!

As palpebras febris cortadas pelo pranto
Do fundo apartamento, eu abro n'esse encanto
De quem busca alcançar nas brumas do infinito,
Qualquer coisa de achileo — um seclo de granito;
Meos olhos querem vêr a sombra de um gigante
Que se debruça alem, hirsuto, estravagante.
Fareja meo ouvido — o estrepito, o rumôr
Do pandemonio — e tem o morbido torpôr
Da negra catacumba ou da caverna invia
Que a vaga perfurou em rude penedia.

Pariz dolente jaz em sua sepultura
De perlas e setim — Paris resonna impura!

Mas... como! eu em Pariz?! No berço luminoso
De glórias immortaes! no forum populoso,
Immenso, colossal, da Roma do Universo;
Pariz que a vida tem gravada toda em verso;
Montanha que abortou a luz de oitenta e nove;
Garganta que engulio a filha d'esse jove
— Danton — o séclo heroe! Paris — a parricida,
Concubina servil, manceba delambida,
Cadella, barregâ do dogue Bonaparte;

Vestal que serve Odin, La-tseu, Bel, Cristo, Marte...
E que a mais servirá se deuses mais houver;
Fóco das podridões,, da luz, do rosi-clér
— Franja que doira a aurora — aurora que illumina
Relevos de um painel de creaçaõ divina...
Noventa e trez que diga os mestres que o esboçaram,
E o mundo inteiro cite os genios que o traçaram!

Pariz — victima e algoz! Paris — senhôr e escravo,
Por vezes lutadôr, por vezes, vil, ignavo;
Pariz — mistico altar do Deos da liberdade;
Madeiro onde se acolhe a aflita humanidade
Em dias de tormenta, em noites aziagas!
Desfreádo batel que corres, que naufragas

Nas rochas verticaes que ensombram os occeanos
Das lutas dos irmãos, das lutas de Vulcanos!

Throno do despotismo e torpe mascaradas,
Pariz — a meretriz — a mãe das barricadas;
Pariz — que deu Voltaire — o escarneo que apunhala,
O septico immoral, que ao mundo atheo abala.
N'aquelle rir só seo — mais frio que o algido,
Mais nú, mais penetrante e acerbo que um latido
De hyena ou de chacal — berço de d'Alembert
— Espurio de uma atriz, caustico da mulher;
Pariz — a leviana, a patria do Rousseau
Proscripto, de Halevy, de Scribe, de Regnault,
De Beaumarchais que fere — a patria de Musset,
Mallebranche, Condé, Molière e Dejazet!

. . . .

. . . .

Aqui — sobre a calçada — o marmore poreja
O sangue inda em calôr, vertido na peleja
Fratrecida e cruel. Cada pedra das ruas
Foi honte' um bastião — moral que perpetuas
Aos seclos de am anhã — que seja a consciencia
Austera do dever, n'um povo onde a exigencia
Brutal do despotismo a tiro é repellida...

É repellida, embora o preço... seja — a vida,
— O exilio — o bombardeio — o cadafalso — a fuga...

Pariz — n'esse teo chão a regia sanguesuga
Que mil annos bebera o alento de tua amada,
Convulsa estrebuchou, sangrenta, decepada...

Então... noventa e trez — aurora fulgurante,
Raiou... despareceo, livida, agonizante,
Calcada plo tacão do homem das batalhas,
Atraz do fumaréo espesso das metralhas!

Que foste tu? não sei —! ennucho ou favorita
Vio-te o seclo arquejante, immovel, viote aflita,
Tremula apresentando os braços as algemas,
Servindo a bachanaes de sangue e de blasphemas,
Ao carro triumphal jungida... sem rubôr...
Puchando teo sultão... teo amo... teo senhôr!!!
Escrava sem gemer lhe destes o teo sangue,
Teos filhos e teo nome... até rolar exangue
Na lama de Waterloo... e elle o abutre-gehena,
Soldado de Toulon, deu-te Austerliz e Iena,
Doiroute os élos de aço ao fògo coruscante
Das guerras imp'riaes — batalhas de gigante!

Mas... aguia — elle cançou!! e então Pariz... então?
Que feito foi teo Deos? — rolou n'um turbilhão...
Santa-Helena guardou a ave depennada,
E o mundo alfim liberto, ao som de uma risada
Ao pranto respondeo — sarcasmo a hypocrisia!

Torcendo-te Pariz no leito da agonia
Sentistes em teu seio a espora do Cosaco
Rasgar-te o coração... teo feretro, o polaco
Somente acompanhou... a provança foi dura,
— Os principes do Gèlo a dar-te sepultura!

. . . .

Mais tarde o mesmo nome — este nome fatal —
Deslumtrou-te a razão, levou-te ao tremedal
Immundo e degradante... e tu — hallucinada —
Abraças-teo febril... captiva, acorrentada!
Foi ponco o ser lacaio... ardeste em ser Cesaria...
Buscaste teo senhor, no filho de uma hetaria
— Esse espurio hollandez, perjuro e aventureiro,
Arremedo immoral de Napoleão-primeiro...

. . . .

. . . .

Em sobra elle te deo — opprobio, villanias,
Batalhas, corrupção, baixezas, tyranias...

. . . .

. . . .

Gozas-te, sim, Pariz; mas... oh pagaste fundo
Este gozo fugaz por um soffrer profundo,
Se é que inda te restava um pouco de escarlate
Que te deixou sentir as dôres do acicate!

Copiadõr infeliz do corsêgo-epopeia
Não fostes a Moscow... mandastes a Crimea!!!
Teo Cairo — foi Puebla... a patria de Juarez
Annibal immortal da terra de Cortez.

No céo paira o condôr — a rã coaxa na lama...
O que em ti foi morrão — foi n'elle intensa chamma...

Seo pedestal é Marengo, Arcole, Eylau, Wagram...
. . . .
Outro é teo pedestal — teo pedestal — é Sedan!..
. . . .

E Pariz baleada, inanime, sangrando,
Tirita inda de horrôr... e dórme soluçando!

Ao chegar em Paris na madrugada de 27 de outº de 76.

VIII

NA ESCOLA DE DISSECÇÃO

Pobre velha lançada sobre o marmore,
Do torpe talhadõr de carne humana!
— Immunda, escaveirada,
Mais fria do que a meza onde repousas —
— Nojenta cinza de apagada pyra, —
Fetida e engilhada;

Os teos membros gelados pela morte,
Meo faminto escalpello vae rompendo
Como heroe paladino;
Deshumano quem? Eu!! — o homem sem vida

É vaso espedaçado, e os restos lançam-se
Ahi... no estirquilino.

Um cadaver — que importa se hontem genio —
É esterco, é materia a decompôr-se,
É lampada sem oleo.
Uma couve recebe o seo carboneo...
De suas carnes talvez resnasça um verme
Que suba ao Capitolio.

Tresvairada... redicula humanidade
No jaspe de um sepulcro te acanhando...
Tremes que?! d'esse hynverno
Que co' gêlo do olvido ha de cubrir-te?..
Oh! homem sêde Tasso, Homero ou Dante
Se queres ser eterno.

As cinzas de Spartáco onde repousam?
— Em cada coração que bate em fogo
Pela causa dos fracos.
Em que labios, perdaõ? pranto, em que rosto?
Em que nobre palavra, uma deffeza?...
— Na dos modernos Grachos. —

Aloisa de Camões está perdida,
O bronze que o retrata ha de gastar-se,

E Camões viverá.
Orgulhoso mortal não desconheças
O teo fragil poder — a eternidade —
A riqueza não da!

Se hoje ergueres um templo onde teos restos
Mesmo lá n'essa noite de silencio,
De trevas, de eguldade,
Na pompa dominar outros procure,
Fugindo de hombrealos na modestia,
No grave e na humildade;

Amanhã tú verás isso que o oiro
Com fausto levantou, despedaçado
Pelo solo rolando,
Exposta ao sól e á chuva — tua carcassa —
Teos ossos — insepultos... no teo craneo
A cobra se enroscando.

Teo corpo — essa retorta onde se geram
Os gazes que dão vida... Immunda argila,
— Teo tumulo — mortal,
— Esse cadinho em que has de decompôr-te
Outra vida engendrando a novos seres
Nascidos de tua cal.

A vida — Anacreonte e Aristophanes —
— Comedia sobre gozos de sentido —
— Gargalhada immoral —
Se queres bem viver... perseque o trilho
D'esta velha que súa cancro e vermes,
Fallece no hospital;

Depois manda o teo corpo ao nosso assougue,
Onde heroica phalange de Esculapios,
— Infecta epidemía —
Aguardam-te insoffridos p'ra talharte,
Em teos rasgados membros estudando
A porca anatomia.

Paris (na escola de dissecção), dez° 76.

IX

A DISSECAR

Bõa velha, que aspecto hoje apresentas!
Até metter-te o ferro me nausêa,
Que rouxidão, que gelo, que máo cheiro
A cobrir-te essas formas de *sereia*.

Talvez que n'outros tempos minha brucha,
Fosses bella gentil nadando em graças,
Mil escravos curvando em teo caminho,
Rendendo corações... e outras chalaças!

Teos labios semi-abertos e visguentos
Com que frases subtis estremeceram...
Estes labios, que manam verde baba,
Quanta sede de amõr não dormeceram?

Talvez que esses teos olhos empanados,
Cobertos de ramella, já brilhassem
Do mais vivo fulgõr... e então, que damnos!
Que de peitos febris encadeados!

Esta magra cintura, ossea, cavada,
Outrora na vertigem do walsar,
Quantos braços de manso a entrelaçaram,
Quantas vezes sentio-se ella apertar!

Teos cancrenosos seios engilhados,
Quantas frontes em si não descoraram!
E hontem quando tepidos, macios,
Que de labios convulsos re seccaram!

Que terrivel a morte! Esta sybilla
Talvez que houvera sido uma deidade...
Tenho pena de ti... eu serei brando...
— Prometto dissecar-te com piedade. —

Paris (na escol. de dissec.), dez° 76.

X

O HOSPITAL

Hospital — sacro templo da agonia,
Claro espelho da vida,
Santuario bemdito da — miseria —
Que 'hi busca a enxerga ás lutas da materia,
Eo balsamo á ferida!

Viuva caridosa! oh mãe das lagrimas!
Arca do soffredõr,
Leito febril do derradeiro dia,
Funerea habitação muda e sombria,
Virgem que se fez dõr!

Toalha onde se embebe a lagrima suarenta
Do pobre moribundo,
Cyborio univérsal, mar-negro sem tormenta,
Umbral de um novo mundo!

O hospital-é Camões — o genio na indigencia,
No bronze um reí-mendigo;
É Poë — o americano — é sempre a omnipotencia
Quer seja ella um Gilbert... ou outro sem jazigo!

. . . .

De um lado e de outro os leitos se amontoam...
É longa a enfermaria;
Cloroticos enfermos tem no rosto
A sombra da agonia.

Dáli parte um gemido tão plangente,
Que gela o coração...
Tão nóva a mouça loira... mas coitada
Já soluça tambem com voz magoada
Das dõres a canção.

Que suspiro tão fundo dáli veio!
Foi elle o derradeiro...

Um cadaver descança sobre um leito...
Uma vida passou-se n'um trejeito...
D'aqui... para o coveiro!

Morreo abandonada, sim... não teve
Um soluço de filho,
Um só humido olhar!
Não teve um pranto amigo que a regasse,
Uma tremula mão que lhe cerrasse
As palpebras immoveis...
Ninguem veio chorar!

Alem vejo ondear-se vagamente
O branco dos lençoes..
E' qualquer que estrebucha, que agoniza
No convulso estertôr... roza indeciza
Que só teve arreboes.

Primavera em flores!
Como sedo o outomno,
Desbotou-te
As côres,
Engolfou-te
Em somno!!

Como o frio algido
Minha flòr
De amôr,
Sacudio-te
As petalas,
Carcomio-te
. A còr?!

Acolá — vejo um riso prazenteiro
Voando sobre uns beiços...
Vae melhor... convalesce... vem de logne!
Formosa peregrina... que faceiro
Sorriso
Diviso
Brincando em teos labios
Mimosos, traveços!

Mais alem, — transparece indivizivel,
Alegre commoção...
Deixa o leito... segreda... corre... canta...
Não se lembra que perto outro descanta
Dos mortos na mansão!

. . . .

O mundo — a indifferença —
A vida — combater —
Aquelle — ri da crença —
Descrê — este a gemer —

Ali — e' um que chóra —
D'alem — parte um gemido —
Aquelle — a vida împiora —
Nos manda este — um sonido —

Eis o hospital — eis o mundo —
Eis o contraste — eis a vida —
— Cada qual vae no seo barco,
Cada barco em sua corrente,
Cada corrente se espraia
N' uma plaga differente.

Paris. — dec° 76.

XI

A DUVIDA

Deos! — gigante invisivel, sombra etherea!
Em que céos? em que mundo? o que és em summa?
Rompe a lagea do occaso... eu quero vêr-te,
N'uma estrella... n'um verme... em fluida espuma.

Eu procuro-te em vão! baldos esforços —
Martello, fendo o craneo a distillar-te.
Na solidão medito!
Meo telescopio d'alma hardido e limpido
Tem frouxo alcance... tem... pra devassar-te
Nas grutas do infinito.

Debato-me entre as garras das gehenas
Da duvida infernal. Procuro vêr
Um ponto nos espaços... um relampago
Que me guie... que me sane essas gangrenas
Que envenenam meo ser!

Mas onde era penumbra é hoje escuro...
Madeiro em que apoei-me sobre as aguas
Onde pairas? Infancia onde teo fumo
Se espraia? Senhõr — qual o meo rumo?...
Deos! — porque tantas maguas...

Se acaso não toleras que te indague,
Se Deos da ignorancia,
Não és meo Deos então... busca outros crentes,
Derrama teos efluvios sobre as gentes
Que creem-como a infancia —

Qual oração preferes?... qual recebes?...
A prece que rebenta e sahe dos labios
Sem fé! sem convicção;
Ou a tumida suplica; fervente;
Não filha leviana de um repente,
Mas... fruto da razão?

A quem das tu a esmola? ao que mendiga
Faminto, sem fingir;
Ou á aquelle que te estende a mão, que pede
Por vêr outros pedir?

Se és o Deos sanguinario, o algoz-tigrino
De Bruno, Paolo Sarpi e Campanella...
Se ainda — és o verdugo
Nas grelhas torturando a Galileu
— Cristo de luz — no arfar — *e pur si muove* —
Despedaço-te sim... quebro o teo jugo;

Se foste o Deos cruel dos Torquemadas
A Hespanha transformando em pira hiante
Não podes ser meo Deos;
Não me curvo ao Senhõr das mortandades,
Dos editos, das forcas, das cruzadas
E São-Bartholomeos;

Se és o Deos — que flagella as raças d'Africa;
Se és o Deos — que te encravas desvairado
A marcha da sciencia,
Não és meo Deos, não és; — o Deos que eu tive
Foi um Deos de saber e de egualdade,

De termuras, de amõr e de bondade...
Era um Deos de clemencia!

Oh! se é crime — negar-te — maior crime
— É crêr-te sem ter fé...
Não castiga ao que traz venda nos olhos...
Perdõa-o... desvia-o dos escolhos,
Senhõr de Josué!

Se o cego do caminho nos escarra,
Perdoar-lhe — só — é vil... Nosso dever?
Illuminar-lhe aquellas negras orbitas
Pra que nos possa vêr!

. . . .

SenhõrDeos,se existis...se é negro esse meo craneo
—Accende-lhe uma luz... oh! vem-no clarear!
Se frio o coração — humido suterraneo —
Enflama-lhe uma vida... eu sei ainda orar!

Paris. — 5 de janeiro de 77.

XII

QUANDO EU TIVER VINTE ANNOS

Quando o manto das minhas vinte auroras
Lamber c'oa fimbria o chão,
Talvez meo estro voará mais longe,
Talvez que eu viva então.

Quando a deusa febril dos vinte annos
Mollemente em meos hombros se enclinando
Venha louca enflammar-me o coração,
Co'os labios seos doirando
Minha pallida fronte sonhadora,
Talvez que eu viva então.

Nas manhãs beberei mais harmonia;
Mais calôr eu terei na febre ardente;
Mais vaga inspiração... maior poesia
Banhará em dilirios minha mente.

Quando em fogo tiver vinte auroras,
Vinte auroras — de luz e fulgôr;
Vinte croas virginias — na fronte,
Vinte cantos — que fallem de amor;

E então quando eu vagar pelo Parnaso
Ou margens da Castalia,
Vivendo em solidões vagas, ethereas,
Mais sereno voar ha de librar-me;
Meo ser se inundará de morno enleio,
E eu todo transportado alço o meo vôo
Pairando em regiões claras e limpidas
Donde em glóbos se côe uma harmonia
Mais branda de sorver-se!

Mais cégo hei de elevar-me aos longes paramos
De vagos ideaes,
Buscando mil oasis nás alturas,

Nas amplidões, nos vacuos do infinito,
Nos limites do mundo, nas planuras
De falsos areaes!

De muitos ouvirei — perdido louco!
Serei louco talvez...
Que importa se a vertigem dos sentidos
Em doce embriaguez,
Abrirão nos meos sonhos arabescos
De magica poesia,
E langue dormirei em fofos seios
Morrendo em volupia.

Que me importa o desprezo então dos homens,
Se mais fachos terei no meo docel;
Meos labios a tremer darão mais beijos,
Meos beijos queimarão com mais ardencia.
Terei no meo cantar outra cadencia,
Mais plangente sóará meo arrabel.

. . . .

E então quem sabe!...
Talvez que eu chore,

Já tarde implore
Desfeito em dôr;
As loucas horas,
Tão d'innocencia,
D'essa existencia,
De luz e amôr.

Paris. 20 de fevº de 77.

XIII

O QUE EU SINTO

O que eu sinto?... Meos labios, rôxos tremem
Pasmando em convulsão,
— E' bava ardente que em sôpro se evapora,
Quando eu — manhâ — soluço branca aurora,
Soluço uma oração.

O que eu sinto?... Dilirios, sonhos, febres,
Estrellas, confusão;
No craneo meo parece arfar sem pêas
Arteria de vulcão.

Gallopa em turbilhões nas veias minhas,
Brazido liquefeito,
Meo coração estua, se alvorece,
Crê, ama, descrê, mente, ri, desfallece,
Trucida-se no peito.

O Apocalipses em fôgo tem meos sonhos...
Se sonhos — é loucura,
Phantasias, visões, somnambulismos,
Sarcasmos das profundas, electrismos,
Ancias de sepultura... —

Ás vezes em alvo ninho,
Dobrando, voluptuosas,
A mesma séda ou arminho
Sob as formas untuosas,
Transido de horrôr eu vejo,
Unidas no mesmo beijo,
Ao lado da prostituta,
Palida virgem impolluta;

Uma — que o sonho aniquilla
Soluçando...

Que pungir?
Outra — serena, tranquilla,
Perdoando
N'um sorrir.

Uma — tremula, irrequieta,
Louca, anciando em desmaios,
Persequida
De terrôr
Outra — ahérea borboleta,
Tremendo as azas de raios,...
Libando só mel na vida
Como a flôr.

Vejo septico, descrente,
De Deos... do homem... do amôr...
A creança vagabunda
Cheia de vicios... de horrôr...
Bebada pelas esquinas,
Já farejando as sentinas...
Ao lado — o velho leproso,
Todo elle uma farmacia,
Tremulo, de côr violacia,
Nojento, vil, crapuloso;

Ao lado dos frescos risos,
Dos sonhos, das alegrias,
Dos rouxinoes, do perfume,
Dos anjos, das harmonias,
Vejo... o abandono, a tristeza,
A solidão, a pobreza,
Parasitas, vermes, cruzes...
E ao lado dos pelourinhos
— Um chão coberto de espinhos,
E um capitolio de luzes. —

Phantasmas geram phantasmas...
Desço da sombra a Gehéna,
De Oitenta-e-nove ao Calvario,
De Pathmos a Sant'Helena;
Vou de dilirio a dilirio;
Subo com Dante ao Empirio,
Luto sem tregoas — precito —
Pulveriso seclos de aço,
Tombo do Empirio no espaço,
Risco do espaço o infinito;

N'uma concha, n'uma lagrima,
N'uma petala de dália,

Aqui — navego sem bussola
Sobre as aguas de Castalia
Fendendo as ondas azues!
Ali — n'um craneo alvacento,
Palido como o desmaio,
Como os espetros de Fíngal,
Como o nenúphar em maio,
Resvalo n'um mar de luz;

Vôo aqui rasgando o ether
Suave, que me balança
Nas suas azas de archanjos,
Nos beijos seos de creança...
Ali — devasso outra esphera,
Me embrenho na ath'mosphera
Fuliginosa, que esmaga
Como o bronze — o vacuo, a terra,
O pego, o abysmo que encerra
Mais aquilões do que a vaga...

São tudo ideas sem brida,
Lampejos, incoherencias
Que passam rindo, que insultam
Escarrando violencias

Na face dos pensamentos
— Esse suão, esses ventos
Que sopram dentro do craneo,
Abob'da que cobre um mundo,
Mundo... sem plagas, sem fundo,
Colouço, Mediterraneo!

Eis o que eu sinto... se é febre,
Se é fantasia ou dilirio,
E'... mas de gloria, de luz...
Lancem-me palmas e flores,
E venha depois... martyrio,
Fel, vinagre, esponja e cruz...

Pariz, 3 de março de 1877.

LIVRO SEGUNDO

— SONIDOS —

A EX^{MA} SR^{A}

D. RITA FARIA DA CUNHA

Tributo de gratidao.

I

SAUDADES

Oh meo Deos! quantas saudades
Eu tenho do meo Brazil;
D'aquelles campos em flores!
Da infancia dos meos amores,
Da minha quadra infantil!

Saudades, fundas saudades
De tudo que lá dexei;
Saudades — de meos brinquedos —
Saudades — de meos folguedos —
Saudades — de quanto amei!

Anhelo por contemplar-te,
Oh meos céos!... oh patria amada!..
No ether, que sons de amôr,
Que hymmos ha na alvorada!
Que ais! que frouxo rumôr!

No exhalar das harmonias
Que fragrancia e lassidez..
Que luzes em nossos dias!
Que noites d' embriaguez!

A sombra d'estes olmedos
Não troca p'la da mangueira
Onde canta o bem-te-vi,
E onde á noitinha, solteira
Vem carpir a jurity.

O brando correr das fontes,
Que gemem sobre cristaes,
Tem suave murmurio,
São hymnos mais divinaes,

As nuvens — são veos de prata —
De prata — a espuma do mar —

A areia de nossas praias
— São de oiro no sintillar.

Cada flôr tem seo amante
No colibri doidejante,
E o calis de cada-flôr,
É um sacrario de amôr.

No meo querido Brazil,
Quando falla a natureza
São cantos — esse fallar —
Quando serpea o Anil [1]
Das pedras sobre a rudeza,
São cantos — o seo rolar!

Oh meo Deos! quantas saudades
Eu tenho do meo Brazil;
D'aquelles campos em flores;
Da infancia dos meos amores,
Da minha quadra infantil!

Seminario de Coïmbra, janeiro 1874.

(1) Pequeno rio que banha a capital do Maranhão.

II

O CANTO DO TYMBIRA

Sou filho guerreiro
Das selvas bravias,
Não tem harmonias
Meo rude cantar.
Sou filho sem patria...
Sou filho querido
De um povo aguerrido
Que morre — a lutar —

Enteso o meo arco,
— Madeiro lascado
De um tronco empinado,
Que affronta orgulhoso,
A fera braveza
Do raio enflammado,
Que zune acurvado,
Que passa raivoso —

A setta que parte
Do arco impellida,
Por mim despedida
Com nobre valôr;
É setta que o ares
Flexando certeira,
Na celer carreira,
Trespassa o condôr

Meo braço resiste
Sereno, ao impulso
Do coice, repulso
P'lo fero tapir,
Que apanho brincando
Se desce a ladeira,

Se vem na carreira,
Veloz a fugir.

A massa inimiga
Se quebra em pedaços,
Se faz estilhaços,
Possante batendo
Meo craneo, mais rijo
Que o rijo pau-d'arco,
Que abolo, que marco,
Que racho, que fendo.

Se o som do meo peito
Nos vagos sertões,
P'las ermas soidões,
Eu faço atroar,
O vil inimigo
Na taba esfallece,
Na cova estremece
De medo, o jaguár.

Sou indio tymbira
Valente, sou forte,
Meo berço-no norte...
Lutar — minha sina!

Meos cantos eu sólto,
Nos montes agrestes,
Nos serros alpestres,
Que a terra domina.

As feras acosso;
Resisto á tormenta
Que surda arrebenta
N'um rouco estoirar.
Sou filho guerreiro
Das selvas bravias,
Não tem harmonias
Meo rude cantar.

Paris, janeiro 77.

III

REMINISCENCIAS

Esse limpido ceo, — cristal sem nodoa;
Essas nuvens que oscillam brandamente
Quaes ligeiros bateis de espuma alventa
De leve a baloiçar no azul dormente;

Esse tremulo accorde — manso efluvio —
De langue embriaguez meo ser banhando

Nos braços de uma fada voluptuosa
Ao alvor da manhã... que vêm raiando;

Essas ondas por vezes alterosas
Que de brancos manteos a espadua vellam,
Em tufoso bulir cruzando as vergas
Das naves que no porto se atropellam;

Tudo isto enfim que eu vejo... são saudades
Que inundam, minhas palpebras de pranto...
Saudades — d'essa terra que idolatro,
D'essa Laura gentil que eu amo tanto.

Alem — a Nova Troia jaz envolta
No nitente albornoz... em flexas d'oiro
Se espelha n'elle o sol, traçando fulgido
Minha Ponta-de Areias — meo thesoiro.

Oh Pharol de Sant'Anna eu te lobrigo
Na luzinha que as brumas espancando,
Rompe, corta, desfaz a tremebrilha
Os cachópos do Sado illuminando.

Em todos os perfis que te apresentas
Setubal — patria, enlevo, musa, idilyo
Do cisne soffredôr... se me afigura
A patria minha vêr... oh! que ventura,
Vel-a — na illusão, vel-a — no exilio —!

Setubal, agosto 1874.

IV

AMOR, PRANTO E SAUDADE

Amôr, pranto e saudade! oh sons fraternos
    Que a lyra minha arqueja
Em tremulo gemer, nas negras dores
    De eterno soffrimento!
Prece funerea que meos labios frios
    Do gelo das descrenças
Apenas soltar sabe! Hymno de escarneos
    Das cordas arrancado
De bipartido luthe, que esfallece
    Sem ter um só harpejo...

Não sei cantar façanhas
Em raso campo ganhas
Por alto vencedôr.
Sou pobre... desprezado,
Sem ser jamais amado...
Só sei cantar — amôr —

Enoja-me o opulento,
E nem com fingimento
Sei dar lhe um rude canto;
Minha alma aos desvalidos,
P'la sorte envelecidos,
A esses, da' seo — pranto —

Sou mudo ante os louvores
Rendido aos esplendores
Da magica cidade (1).
A' patria — uma harmonia —
Meo peito balbucia,
N'um canto de — saudade —

Amôr, pranto e saudade! o mesmo canto,
De trez cantos nascido!

(1) Pariz.

Trez gemidos cazados n'um gemido!
Trez dôres n'uma dôr!
Trez ais que se confundem, que se irmanam
N'um ai bem dolorido!

Amôr! — Eu amo desvariado e louco
Do mais immenso amôr, mais infinito
Que a curva do horisonte...
Oh anjo — anjo de luz — que o céo me guarda,
Baixa-te aos homens, vem, abre tuas azas,
Fabrica nosso ninho, acceita, enflamma,
Todo esse amôr que dentro em mim palpita!
É triste amar-se tanto e ja' tão pouco
Pedir... pedir em vão! Sentir no craneo
Mil férvidas ideas borbulharem
Sem ter a quem dizel-as, na harpa oirada
Um canto, uma harmonia que emmudece
No olvido, por não ter de bella amada
Attenções, e nos labios que rebrasam
A ardencia de mil beijos voluptuosos
Fanados sem carmim de rosea bocca
Libar em doce espasmo.

Eu verto amargo pranto; o fel das dores
Na agonia coado em si me afoga,

Cresce, invade, trasborda, inunda as palpebras,
Meo rosto em borbotões inteiro banha.
Sobre a terra me arrasto a vida preso,
Á vida — essa cadea de aço e lepras!
Lamento-me, praguejo, invoco e choro
Eivado o peito meo de fundas ulceras,
Das falsas illusões que se evaporam
Ao sopro pestilente da perfidia
Forjada na amizade.
Eu choro de pungires lacerado
Minha alma aberta as garras em tesoira
D'este abutre cruel e insaciavel
Que esroe as fibras da alma — sorte imiga —
Gemo em soluços sobre a terra estranha!
Consolo a minha dôr no triste pranto
— Allivio dos que soffrem — só buscando;
Oh pranto opio celeste, oh mancenilla,
Dormenta minha dor, meo peito estanca,
Laquêa meo soffrer — sumo de dores! —

A lua n'outros céos de azul contemplo;
Bebo harmonias no vagar errante
De outras estrellas de brilhar mais palido;
Hauro perfumes no correr macio

De uma outra brisa de estrangeiras plagas;
Vago saudoso por estranhos climas,
Cantando a patria que enamoro em sonhos,
Cantando a patria que do exilio adoro!

Paris, dezembro 1876.

V

O CANTO DO CORSARIO

Sou corsario,
Solitario,
Vago sem rumo, sem norte,
Por onde me roja a barca,
Por onde me leva a sorte.

O destino — sopra o vento —
O vento — desata a vaga —
A vaga — levanta a espuma —

Por sobre a espuma — divaga —
Como aérea, leve pluma,
A barca — o templo, o sacrario
Do corsario —

Eu cantôr de sublime epopeia,
Sobre a folha das aguas dou traços...
E' poema — que vale uma ideia —
E' ideia — que inunda os espaços

De harmonias, e orvalhos, e raios,
Feros raios que inscrevem rectangulos,
Que illumina' em sanguineos desmaios,
Que amedrontam quem mede-lhe os angulos.

A neblina — sudario impenetravel —
Dos naufragos do mar involve as almas,
Em seos seios de maê, ergue-os a valla,
E sobre a pá de luz entorna palmas;

As cadentes endeixas dos meos cantos
Se evaporam, fugindo nas alturas,
E os fumos que as vestiam cahem rotos
As escamas das aquas enchumbando
De baças armaduras.

A lua que então rasga o palido horisonte,
E'a crôa de luz banhada de esplendôr
Que as nymphas do Senhôr
Na minha ensoberbada, altiva, regia, fronte
Tremulas vem depôr.

As estrellas são flores que do collo
Arrancam, entornando-as sobre mim;
As brisas que as espumas encapellam
— Ligeiras portadoras de mil beijos
Que sentem o carmim —

A tempestade que estala
Nas gargantas do infinito,
São os aplausos cahidos
Das bancadas de granito,
Dos tronos de Prometêo
— Impalpavel Coly sêo —
Escondido atraz dos mundos,
Como se fôra um segredo,
Que busca para lagedo,
Mil subterraneos profundos

O raio que ao longe em brasas,
Vem embeber-se na espuma

— E'o hiante, rapido trema,
Que as estrophes do poema,
Divide-as uma apôs uma —

. . . .

Assim... eu... corsario vago,
Vago sem rumo, sem norte
Por onde me leva a barca,
Por onde me impelle a sorte.

Paris, 1876.

VI

NO JARDIM

Que doçuras não me banham
Junto de ti, bem juntinho,
Sobre este banco de pedra
Jurar-te muito baixinho,
    Enquanto a lua
        Flutua
Manso e manso lá nos ceos
Que te darei minha vida,
Se um beijo por despedida,
Receber como trophéos.

Vès as nuvens que deslizam
Resvalando dôcemente?
Vês as estrellas que pasmam
No divagar mollemente
Enquanto a lua
Flutua
Manso e manso lá no azul?
Diz 'as nuvens — dai-lhe um beijo —
A estrella — mata o desejo
Que deste ao filho do sul!

Sentes da brisa o cicio
Tão sumido na folhagem?
Escuta as flores que fallam
Em perfumada linguagem
Enquanto a lua
Flutua
Manso e manso lá no anil!
Diz a brisa — dai-lhe um beijo —
As flores — mata o desejo
D'este filho do Brazil.

Os olhos teos que desparzem
Doces lampejos de amôr,

Os labios teos que convulsos
Tremem, soluçam de dôr...
Enquanto a lua
Flutua
Manso e manso lá nos ceos
Dizem — porque tanto pejo,
Se te abrasas no desejo
Que da virgem rompe os veos!

Setubal, septembro 1874.

VII

A PASTORA

> E a pastorinha engraçada
> . . . . . .
> Na fresca manhã de abril
> Vae cantando maviosa.
>
> G. Dias.

Sou pastora, tenho amores,
    Amo as flores
Dos prados, das lindas veigas,
Florinhas que tão mimosas,
    Languorosas,
Tremulas se enclinam meigas.

Seos perfumes eu respiro,
E suspiro
De tanto amôr inhalar
Dos seios voluptuosos,
Anciosos,
Anciosos por amar.

De vel-as, doéme, a' beirinha
Da fontinha
Tentando as aguas beijar,
Sem perceber que essas aguas
Ai! só maguas,
Só maguas lhes vão causar.

Sou pastora. Todo um dia,
A' porfia
Percorro o prado relvoso,
Escolhendo p'ra o rebanho
— So' meo ganho —
O campo farto e mimoso.

Eu vivo nas solidões,
Em ficções

Meo Deos! taõ cheias de enleio,
Não tenho um ente que falle,
    Que me exhale
Dos labios um devaneio.

Eu amo e não tenho amôr
    De um pastôr
Que a mim me diga adorar;
É triste na soledade,
    Esta idade,
Esta idade assim levar.

Eu tenho um peito innocente,
    E dormente,
— Serenas aguas do mar —
E este meo peito o que tem,
    Se ninguem,
Ninguem m'o quér acceitar!?

Coimbra, agosto 1875

VIII

A CAZA VERDE

Onde tudo é flôr e riso.
F. de Sa.

Caza-Verde, oh linda caza!
Sacrario dos meos amores,
E das flores,
Divinal tranquilla estancia,
Onde meiga e doce a brisa
Se desliza,

Loucamente desprendida
P'los negros cabellos d'ella
Pura e bella,
Que no jardim pensativa,
Passo a passo divagante,
Vacillante,
Vae distrahida esfolhando
Pallida flôr innocente.

Esta caza linda e verde,
Semelha do passarinho,
Gentil ninho
N'alta vergontea escondido;
Ella é a fragil redoma,
Cujo aroma
Do thesouro que em siguarda,
O cristal a medo rompe.

Bello cofre de esmeraldas!
És a boceta que encerra
Cá na terra
O mais divino mysterio.
És o frasquinho de essencia,
Eminensia

Do licôr mais oloroso,
Que pode exhalar a roza
    Mais formoza,
Mais formosa de um vallado.

Lisbôa, julho 75.

IX

SOBRE O TEJO

Que transportes! Que meigo arroubo ethereo!
Que fragrante sentir de um rócio brando!
Que de efluvios! de aromas gotejantes!
De luz! de morna calma!

O infinito do azul poreja estrellas...
A Haydéa dos ceos — a branca lua —
Nas esm'raldas do Tejo se reflecte
Em brilhos esteirando a flôr das aguas

Treme incerta sua luz no mobil dorso
Das vagas oscillantes, que espręguiçam
Seos membros espumosos n'esse leito
De um verde algente palido.

Meo ligeiro batel resvala manso,
No leve baloiçar das mansas aguas,
E a brisa de feição lhe enfuna as vellas,
Brancas de neve no cortar dos ventos.

Que esplendoroso quadro se apresenta!
Que tela ante meos alhos se debucha!
Que puros traços! que feições sublimes,
Em cada linha a se quebrar em curvas!

Que harmonias não bebo! que paisagens,
Não lobrigam meos olhos, e minh'alma
Que poema — não le em cada canto —
Que canto — não traduz em cada nota —

O mar, a brisa, os ceos, a vaga lua
Que desliza em cristaes de anil e prata!...
Eis tudo quanto embebe minha mente
Os olhos meos, sentidos, alma e vida.

Porem o mar da patria é mais ondoso;
Nossos ceos, nossa brisa, e nossa lua,
Tem mais luzes, perfumes, mais estrellas,
Que a lua, os ceos e a brisa d'estas plagas!

Lisbôe. abril 76.

X

O ESTUDANTE E A CACHÓPA

— Onde vaes oh cachopinha
Com tanta pressa, meo bem? —
— Vou buscar a cantarinha
Que deixei na fonte alem. —

— Não te cances borboleta,
Palida luz de planeta,
    Que eu vou lá —
— Não quero, doutôr, não quero,
Não quero, não, que lá vá —

— Es' a mimosa bonina
Dos valles a gentil flôr,
Mas tão teimosa menina... —
— Sou teimosa, sim senhôr —

— Pois bem cachopa rabina
Hei de eu la' te acompanhar,
A ver se alguma batina
Mais, se atreve a te adorar —

— Não venha, doutôr, não venha
Que meo bem anda por lá;
Elle me espera na azenha
Que á beira da fonte está! —

— Cachopa quer tu não queiras
Um beijinho has de m'o dar,
Receios guarda-os pras freiras
Que votam de não cazar —

— O perfume deste lyrio,
Somente quando sahir
Da capella do martyrio,
Podereis então sentir —

— Como?... flôr! Vaes zangadinha
Tão sosinha,
Sem me deixares lá ir?
— É maldade oh cachopinha —
— Maldade — ... mo persequir —

Eu vou —? Não venha doutôr
Que é debalde acompanhar-me;
Não creio no vosso amôr,
Não creio que possa amar-me.

Coimbra, agosto 1875.

XI

O QUE ME FALTA

> Ai, este vacuo, este vacuo horroroso
> que sinto em meo peito!
>
> GOETHE.

Sinto essa vida que fallece e acaba,
Sinto a extinguir-se, definhando, exangue,
Meo peito estala nas ardencias d'alma...
Minha alma em dores borboteja sangue.

Tenho mil sonhos de mancebo ardente;
Magos perfumes no arquejar das flores;
Tenho harmonias no cantar das dulias;
Luzes que oscillam n'um brilhar de amores;

Respiro brisas que de manso adejam;
Erram meos olhos n'um lençol de estrellas;
Tenho uma noite de sereno e calma;
Sonhos mais fluidos que o sonhar das bellas.

Porem me falta o que na vida é vida!
Faltam-me uns labios de coral e brasa,
Labios que tremam de volupia calida,
Que me envenenem d'este mel que abrasa.

Falta-me um collo que enegreça o jaspe
Na morbidez de seos nevados pomos
— Cheirosas limas de um sabôr que prostra
Pasmando o ser em divinaes assomos

Faltam-me uns braços bem macios e curvos,
Que me entrelacem no cerrar-me o peito,
Onde eu recline minha fronte accesa,
Meo lasso corpo de languôr desfeito.

Faltam-me uns olhos onde beba chammas;
Olhos malinos como os tem Sinhá;
Faltam-me risos que me estendam ebrio;
Falta-me o alcool que o praser nós dá.

Paris, janeiro 77.

XII

RESPOSTA A ALGUEM

Se o presente, senhora, é tão dorido;
Se alem não descortino um só phanal,
Como queres então que sem gemido
Na lyra entôe um hymno divinal?

Se canto o meo presente — apalpo trevas,
Ou canto a dôr em sons cristalisada;
Se evoco o meo futuro — é vaga sombra,
Passageira, febril, quazi-apagada

Ao menos quando lembro o meo passado
Que veloz se fanou em vida airada,
Me sinto d'imo gozo rebanhado,
Me esqueço d'esta vida depravada.

Lisboa, março 1876.

XIII

EU VI UNS OLHOS

> É sob as palpebras que se esconde
> a mais poderosa atracção.
>
> BYRON.

Eu vi uns olhos!
Que lindos olhos,
Que me mataram,
Que me inundaram,
De um brando gozo
Voluptuoso.

Eram tão meigos,
Tão buliçosos,
Tão languorosos,
Que enlouqueci!
Oh me mostraram
Tanta douçura,
Me segredaram
Tanta loncura,
Que me perdi!

Não tenho culpa...
Sinhá teos olhos
Teos negros olhos
  Aveludados,
São, sim culpados.
Foram bem elles
Que me queimaram...
Oh! não queimaram,
Mas me afagaram
Com tanto ardôr;
E me feriram
Com taes blandicias,
E me mentiram

Tantas caracias,
Que extasiei-me,
Que evaporei-me,
Todo em amôr.

Caldas da Rainha, agasto 76.

XIV

MEOS NOVE ANNOS

> Quadros celestes de minha infancia! não voltareis jamais! não refrescareis jamais meu seio ardente por em sopro delicioso!...
>
> SCHILLER.

Onde jazem as florinhas,
As estampas, as fitinhas
Que t'as dava meo amôr?
Os versos do nosso Dias,
Que copiava e tu lias,
Me dizendo — sê cantôr —?

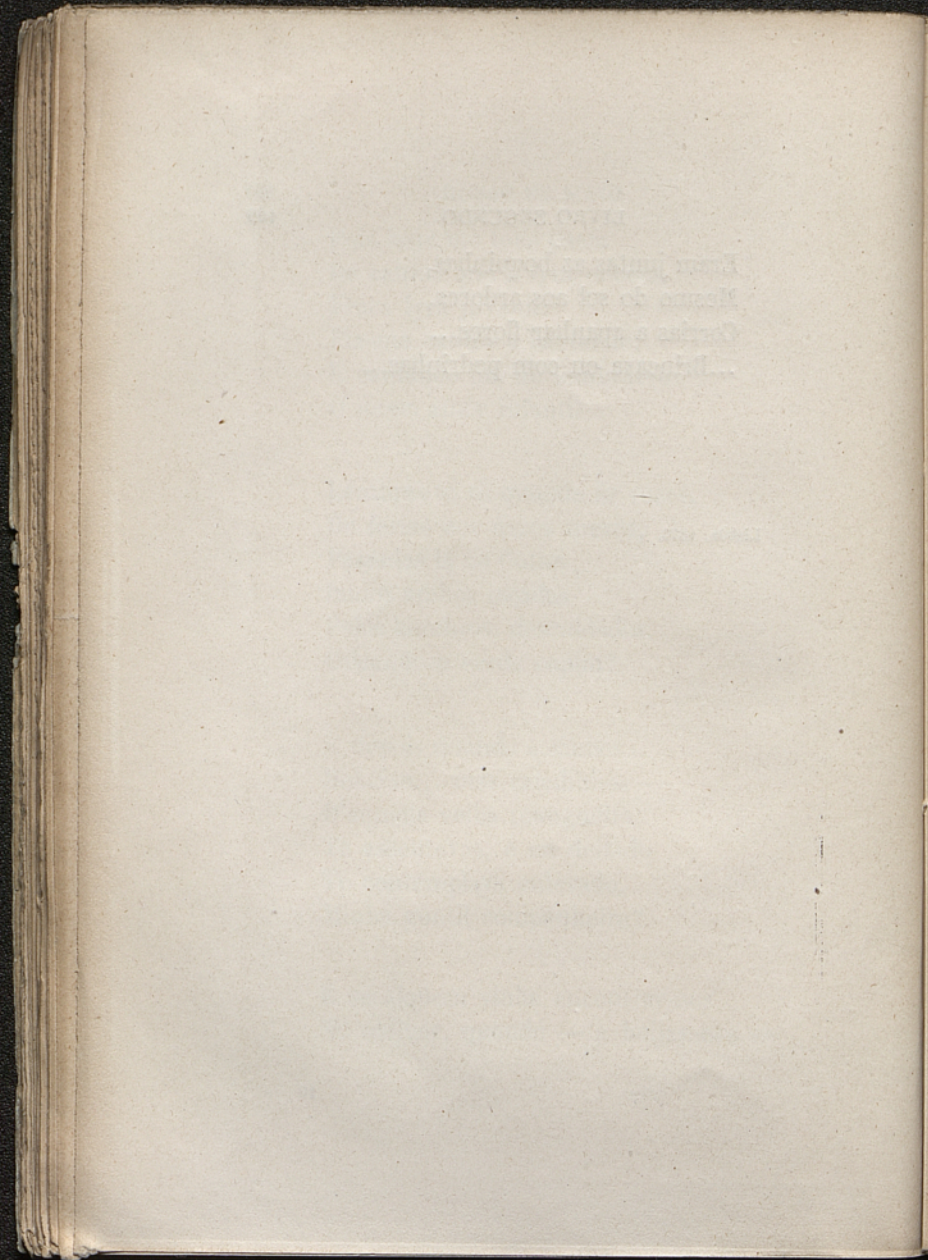
Pois hoje me tens poeta
De cantos que a lyra enceta,
Fraca lyra juvenil.
Fiz-me cantôr a cantar-te,
E cantando hei de lembrar-te,
O nasso amôr infantil.

Lembras-te tú quando ás vezes,
De ferias nos doces mezes,
Passadas lá no Cutim;
Iamos ambos laçados
Pelos hombros, descuidados,
Calcando o verde capim?

E depois quando sosinhos
Debaixo... mas caladinhos —
D'aquella velha mangueira;
Te assentavas, e eu deitado
Te contemplava enlevado,
Minha gentil companheira?

E se alquem vinha encontrar-nos
No melhór, quando — a beijar-nos —

Eram juntas as boquinhas,
Mesmo do sol aos ardores,
Corrias a apanhar flores...
...Brincava eu com pedrinhas...

Lisbôa, 1876.

LIVRO TERCEIRO

— POESIAS INTIMAS —

A MINHA MAE

D. ROZA M. VIEIRA LEAL

I

CATALINA

> Que momentos meo deos quanta magia
> N'esse hora a contemplal-a assim tâo bella.
>
> Franco de Sa.

Mais linda te encontro, gentil, mais formosa,
Teos crespos cabellos de loiro cendrado,
Cahindo em serpentes p'las nuas espaduas,
São bellos, macios, semelham doirado.

Teos olhos movendo-se em langue doçura,
Teos olhos me ferem com meigo ferir,
— Aljava de settas que o deos dos amores
Abrindo-me o peito despeja a sorrir.

Teos labios mimosos, risonhos, tão doces,
São nectar de gozos, teos labios — carmim —
E a tez purpurina... e as faces macias...
Qual fôfa plumagem, qual brando setim.

Garrida hespanhola tu és meos amores,
Tu és Catalina, subtil beija-flôr.
Teos ditos são mimos, são graças que matam,
Que rendem captivo, que pasmam de amôr.

Formosa odalisca tu és meos amores,
Primeiros, infantes, que em versos eu canto.
Por ti minha amante dedilho na lyra,
Que faz meos enlevos, que dá meo quebranto.

Lisbóa 1872.

II

A CARROCEIRA

> Corps féminin, qui tout es tendre
> Poli, suave, gracieux. . . . .
>
> VILLON.

Se te contemplo, formosa,
Toda faceira e donosa
No despontar da manhâ!
Em tua cabeça traçado,
Grosseiro lenço incarnado,
— Qual bagos de uma româ; —

Corpete todo enfeitado
De gallões, e apresilhado,
Em laços de verde fita;
Trepando pelas cadeiras,
Que remechem feiticeiras,
O teo saiote de chita;

E o leve carro chorando,
Se o teo corpo s'enclinando,
De mansinho o faz correr:
Teos niveos pés sem sapatos,
Pequeninos, os maos tratos
Dos gravetos a soffrer;

Ai! quando assim eu te vejo,
Tenha por vezes, desejo
De os livros abandonar,
Para poder todo inteiro,
N'um bem doce captiveiro
Ao teo amôr me entregar.

Seminario de Coimbra, 1873.

III

ROSA CHÁ

Nunca revelles
  Oh linda flôr,
Que dar-me viste
  Beijos de amôr.

Oh não lhe digas
  Rosinha bella,
Que dei mil beijos
  N'outra donzella;

Que desprezei-te,
Que me esqueci
Candida rosa,
D'ella e de ti;

Que as faces de outra
Te amarrotaram,
Quando em meos hombros
Se reclinaram;

Que em loucas frases,
Amôr jurei,
A outra bella
Que em tempo amei;

Que as fallas minhas
De falso amôr,
Te desbotaram
A linda côr.

Guarda segredo
De quanto ouviste,
Jamais lhe digas
O que sentiste.

Nunca lhe digas
  Mimosa flôr;
Nunca lhe digas
  Que fui traidôr.

Lisbôa, janeiro 1876.

IV

MEO QUARTO NO SEMINARIO

Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos;
A. DE AZEVEDO.

Qual o carcer de Tasso assim meo quarto
Gravados em seos muros tem mil nomes
Mil nomes estrangeiros,

Que não lembram ricaços peregrinos,
Viajeiros, turistas que em suas linguas
Um traço depozeram.

Estas lettras que vejo mal traçadas,
Estes nomes escritos em solucos,
Solucos de criança,

Um poema de dôr n'elles encerram
Que em prantos o traduzo entendo e leio
Porque sinto iguaes dores!

Pobre albergue tão nú — tão mal ornado — !
Que falta-lhe tambem? Vil — o sarcasmo
De dar templo ao captivo.

Minha alma se entumece ao descrever-te,
A estranhos revellar toda a pobreza
Que dentro em ti habita.

Meo mudo companheiro de infortunios,
Tristonho espectadôr das agonias
Que aram-me a frescura.

Em ti eu sinto — o algido dos suspiros
Que exhalo de meo peito! e a humidade
Do pranto que derramo.

O opaco véo que envolve esses meos olhos
Vermelhos de chorar, plaina a se estende
No teo negro ambiante

Tugurio de infelizes! negro carcer
Meo quarto amigo, em ti, reina o silencio,
A dôr e a soledade!

. . . .

Aqui dorme entre teias essa mala,
Que nas aguas boiou quando o meo Dias
Achou n'ellas sepulcro!

Ali jaz minha cama barulhenta,
Que taes gritos desprende se me deito
Se n'ella me revolvo.

Alem pineo cabide já sem braços,
Que muito grande falta não lhe fazem
Pendura um velho fraque;

Um colete sem bolsos e um cazaco,
Cujas mangas poïdas tem dois oculos,
Dois oculos uma calça.

Debil meza pequena e mal polida,
Que o Lexicon sustenta e o Tito-Livio
— Algozes vis da infancia!

Verde estante faminta de seos frutos;
Porem de botas farta e de gravatas,
E rotos collerinhos;

Um pucaro e um pote ambos de barro,
E um duro môcho apenas p'ras vizitas,
O luxo meo completam.

Tal é meo pobre quarto — horrida cella —
Aberta n'um sepulcro onde gorgitam
Os vermes de roupeta.

Seminario de Coimbra, novembro 1873.

V

ESTANCIAS A M^{me} A...

Purpras, e thronos que na terra assentam,
Sceptros, e cŕôas que mil reis exornam,
    Te dera a ti mulher;
Se rei eu fora do universo inteiro,
E em troca recebesse ardente e puro,
    Um meigo olhar se quér...

    Meigo olhar que traduzisse
      Mimosa e linda flôr...

Meigo olhar que despedisse
Em cada luz — uma esp'rança —
Uma esp'rança de amôr!

Se ceos — do manto azul eu despregara,
Pra vel-a em teo diadema scintillante
Arder, brilhar, fulgir,
A venus matinal que alem rutila...
Da terra, mar e ceos tudo te dera,
Por um só teo sorrir

Do mar o oculto tesoiro,
Das aguas a immensidade,
Reflexos da eternidade,
No seo constante rugir.
Da terra as minas algentas,
Dos ceos as nuvens doiradas
Em franjas de anil rendadas...
Tudo em paga de um sorrir.

De um sorrir que traduzisse
Mimosa e linda flôr,..
De um sorrir que refletisse

Em seo desenho — um martyrio —
Um martyrio de amôr

Se abelha — o doce mel das meigas flores;
Se flôr — o niveo calis oloroso;
Se aurora — a lumea côr
Com que em beijos a verde c'rolla afaga,
O pranto cristalino derretendo,
Que em rocios lacrimou por sobre a flôr;

Em ti renunciaria a eternidade,
O infinito, o sublime, o mundo em globo,
Se acaso eu fôra Deos;
Mil noites de prazer em niveos braços,
Vida, glórias, porvir... tudo legara
Por um beijo dos teos!

Quanto eu seria ditoso
Se houvera amado esse ensejo...
Mas não... mas não que é demencia!
Sabe, sabe, que eu te dera,
Louco, febril, orgulhoso;
De senhôr a omnipotencia,

Para a teos pés a clemencia,
Rogar-te n'um longo beijo!

N'um beijo que traduzisse
Mimosa e linda flôr...
N'um beijo que despedisse
Em cada fogo — um dilirio —
Um dilirio de amôr!

Caldas da Ranlha, agosto 1876.

VI

NA PRAIA

> Eu a vi que se banhava,
> Era bella, oh deoses, bella.
>
> G. DIAS.

Na praia arenosa de pé eu sonhando,
Mil sonhos mais vagos que a vaga do mar,
Que alem se baloiça em febril desatino,
E vem seo destino,
Na areia acabar.

. . . .

Assim arroubado em enlevo celeste
Mais linda, mais pura que os anjos a vi.
Retrato perfeito de quanto ideara,
Por mim resvalara...
Nem sei se morri!

Mais ligeira que a brisa
Que a flôr do lago frisa,
Ella passou ..
E deslizou
Qual nuvem que desliza
N'um ceo que se matiza
De anil, rozas e prata...
E em seo correr ligeiro
A negra coma
Se solta, se desprende
Em vago aroma.

A extrema de seos pés gentis, carmineos,
Na lisa areia esculpe,
Mimosas formas que o subtil retratam
De ethereo perpassar;

E a onda feiticeira que se quebra
Em suave indolencia,
Afaga e beija.

Seo corpo se debruça descuidoso
Das vagas sobre o leito,
E n'essa posição divina e classica,
Namora a imagem d'ella que se move
No mover-se das aguas,
E já quando atufar-se a bella intenta
Reflete... oscilla e para.

Uma vaga perdida outra ella aguarda,
Seis mais que vem morrer-se perde a todas,
Em constante temôr... e assim consente,
Que as linhas de seos traços
Enlevado as contemple.

Enfim tufosa vaga abrindo altiva,
Nas ondas desparece...
E alem no meio das aguas cristalinas,
O lindo vulto mostra.

Em suave nadar cortando o algento
As driades obumbra,
No meneio vivaz, ardente e puro.
Nas graças desprendidas...

. . . .

Praia de Pedronços, 20 de septembro de 1875.

VII

NAS COSTAS DE UM BILHETE

Chuvas de oiro que orvalham meos sonhos,
Ebrios sonhos de auroras e alvôr,
Luzes, vida, prazeres bebidos
Sobre seios que tremam de ardôr.

Que suave harmonia me banha,
Que fa gueiro scismar não declina
Por meo craneo, qual manso... nadando
Floco algente por vaga neblina.

Eu já penso tremer quando vel-a,
Perturbar-me se acaso fallar;
Tenho medo de abrir os meos olhos
Pois que temo seos olhos topar.

Eu já palpo seo corpo em meos braços,
Eu ja sinto extinguir-me em seos beijos,
— São vapores de leda poesia, —
— Roseas nuvens, ficcões, mil adejos —

Scismo edens de eterna ventura
Sobre leito de nivea cortina;
Pinto gozos libados na vida,
Quando a vida, é dos céos, é divina.

Amanhã? Serei nuvem desfeita
Que n'um lago de amôr se mirou.
Ou talvez que uma loisa te diga
— Esperou-te — tardaste — passou.

Pariz, fév. 77.

VIII

A PRIMEIRA CARTA

> Teos primeiros olhares, estes olhares tão cheios d'alma... teo primeiro aperto de mão, m'o havia dito.
>
> GOETHE.

Não suppões, oh! minha amada,
Que de mundos voltearam,
Que de pensares rasgaram,
A minha fronte em ardôr;
Ao receber de tua carta,
Esse escrito perfumado,

Que tinha dentro gravado,
— Ardente voto de amôr —

Porque tanto acouhamento,
Tanto anhelo e tanto pejo,
Disfarçado no desejo
Do coração enganar?
Que mal havia no teres
Amôr, oh linda criança,
E que tão feia lembrança,
T'o fazia renegar.

Em vão quizeste estouvada,
Zombar do teo sentimento
Sem saberes um momento,
Fugir da força int'riôr ;
Que te impellia a mostrar-me,
Como dentro te escaldavam,
E que estragos te deixavam
As labaredas do amôr.

Ou não podeste enganar-me,
Ou não soubeste, Maria,
Porque mui bem conhecia
Quanto por ti era amado,

Eu lia-o nos teos olhares,
Em tuas repulsas lia,
O que por dentro láia
Do teo peito lacerado.

Mas eu desculpo tyrana,
P'lo gozo d'este momento,
O negro absintho, o tormento,
Que me obrigaste a sorver.
Pluma voante, não sabes,
Qual seja minha alegria,
Depois — de tanta agonia —
Depois — de tanto soffrer.

Lisbôa, outubro 75

IX

HELENA

Oh! femme étrange objet de joie et de supplice.
A. de Musset.

Quando te vejo
No jardim — captiva —
Qual sensitiva
Trescalando olores,

Teos negros olhos
Descansando em mim
E o teo carmim
Aveludando as flores;

Sinto-me, Helena,
Renadar em gozo...
Quanto ditoso
De adorar-te, oh! bella,
Candida filha
De Albion vaidosa,
Loira formoza,
Vespertina estrella.

As tranças tuas
Em perfume ondeiam.
Loucos vagueiam
N'um errar febrento
Esses teos olhos,
Que quizera em beijos,
Os seos lampejos,
Devorar sedento.

Brisas ligeiras
Que deveis roçar-te

Quando soltar-te,
Das prisões o norte
P'los finos labios
D'esta virgem roza...
Brisa ditosa,
Que te invejo a sorte!

Lisbôa, 1875.

X

DESEJAS!?

Meo lyrio — desejas, criança — gozar,
Das noites tranquillas dos climas do sul?
Das noites serenas ao morno luar,
Que puro, indolente, baloiça no azul?

A noite — são sombras — é virgem sonambula,
Que dorme vagando por plainos de amôr;

Ou sonha embalada n'um leito de plumas
Velando os seos mimos um manto de flôr.

A noite — harmonias — é virgem que scisma
Nas scismas que a arrouba sosinha á janella,
Que treme enlevada, mil fallas fallando...
Que a nós seos segredos gentis, não revella.

A brisa
Que macia se desliza
Por entre as verdes folhas de rozeira,
É suspiro de mel que brando côa,
Dentre os labios da virgem brazileira

Maria — palida flôr da minha alma, —
Queres, anjo, inhalar
O perfume das noites de luar
Serenas, do Brazil?
D'instantes de ventura que te elevem
Em transportes — anhelos — gozos mil?

Oh... vem, cahe nos meos braços palpitante...
Consente que teo lindo e niveo seio ,

Comprime, afroixe, enlace, beija e morra...
Oh! que é doce morrer-se em mago enleio!

Que me importa expirar n'um dos teos beijos,
Em teos labios soffrér da vida o córte...
N'esses labios que sobre os meos tremendo,
Lhes verta — gozo, espasmo, gêlo, e morte!

Lisbóa, 1875.

XI

A TROCA

Se a branca roza me deres,
Te juro, linda Maria,
Que eu em troca te daria
Um beijo por essa flôr.
Se o beijo meo tu não queres,
Então prometto na lyra,
Que mollemente suspira,
Tecer-te um hymno de amôr.

Maria, gentil Maria,
Não te purpures assim,
Não carregues o carmim
Que tão bello não te está'.
Ergue a fronte que irradia
De virgem casto pudôr,
Por um só beijo uma flôr,
Quem não troca? Quem não dá?

Não val a pena, formoza,
Corares tanto de pejo,
Por esse timido beijo,
Que recuzas, que não queres,
Olha-me bem minha roza!
Crime será por ventura
Dar-me um beijo com ternura?
Antes crime é — se o não deres. —

Lisbôa, novembro 1875.

XII

LEMBRAS-TE?

Eu vi-a lacrimosa....
C. de Abreu.

Lembras-te, louca Marïa,
D'esse dia,
D'esse dia em que te vi?
Eras assim tão formosa,
Lacrimosa,
Como o palido jasmi;

Que foi de leve banhado
Rorejado
Pelo pranto da manhâ,
Pranto de luz com qu'aurora,
Já decora
O calix da flôr louçã.

Foi mesmo assim, minha fada,
Lacrimada,
Que te vi, que te adorei.
Não foi em salla de espelhos
De joelhos
Que por ti me apaixonei.

Pelo contrario na dôr,
Ao calôr,
Ao calôr de um soffrimento
Inda vivo, que rasgava,
Lacerava,
Teo peito de curtimento;

Foi quando estrella encherguei-te,
E adorei-te,

Com esta ardente paixão
Que me escalda e me golpea,
Me lancea,
Me lanceâ o coração.

Lembras-te, louca Maria,
D'esse dia,
D'esse dia em que te vi?
Eras assim tão formoza,
Vaporosa
Como o candôr do jasmi.

Lisbôa, novembro 1875.

XIII

RECORDAS-TE

Meos labios queimam ainda deste fogo sagrado que trouxeram teos labios ardentes; uma torrente de delicias inunda meo coração

GOETHE.

Recordas-te, Pepita, d'essas noites
Que junto nós passamos?
Ao luar, no jardim, mal assentados,
Nossos corpos unidos, abraçados...
Oh! quanto não gozamos!

. . . .

Tremias em meos braços tão convulsa,
Porem sempre formoza,
Teo rosto — pallidez marmór cobria...
Cortavas teo fallar — vaga harmonia
Perdida e caprichosa.

Veneno, abatimento, espasmo e gozo,
Em febres eu bebia,
Dos teos olhos, dos labios teos gelados,
De tua coma que olores perfumados,
Em flocas esparzia.

Os dois eramos sós... ali... sosinhos...
A'noite no jardim.
Apenas lá de cima nos velava,
Quando em colchas de luz se espreguiçava,
Dos céos o cherubim.

Que sonhares, oh virgem, se embalaram
Na rêde da ventura!
Um minuto — era então contar mil beijos,
Um beijo — se morrer em mil desejos,
Morrer-se de loucura!

Lisbôa, março 76.

XIV

QUEM ME DERA

> Assim passam sem jamais tornarem
> nossos maiores prazeres...
>
> SCHILLER.

Quem me dera gozar n'essa idade,
O que n'outra passado eu gozei;
Quem me dera provar n'um momento,
O que em longos momentos provei.

Eu amei-te sem nunca exhalar-te,
Nunca e nunca do peito uma dôr;
Acredita que nunca lembrei-me
De fallar-te em meos sonhos de amôr;

Meo amôr que era puro, innocente,
Como o calis da roza em botão, —
E eu não soube sequér uma frase,
Soletrar d'esse meo coração.

Eu sentia que junto de ti,
Anhelante meo peito batia;
Quando accaso sorrias p'ra mi,
Convulsivo meo corpo tremia.

Em meos labios pairava inda infante,
Frouxo riso de langue frescura,
Que orvalhava minha alma de sonhos,
Que aos meos sonhos banhava em doçura.

Oh! que eterno florir d'innocencia!
Oh! que ledo acordar n'essa vida!
Tendo auroras de amôr como fógos,
Tendo fógos nos olhos de Armida.

Tão criança! E tão cedo eu amava!
Eu sentia por ella a affeição,
Que ao poeta no berço acalenta,
Dando azas e fogo á paixão.

Bem n'o sei. Eu me lembra, pagaste-o,
Ou fingiste esse amôr me pagar.
Se mais tarde de mim te esqueceste,
Tambem soube de ti me olvidar.

Hoje apenas recordo insensivel,
Essa aurora feliz da existencia;
Régo cinzas de um gozo passado,
Chamo á vida esse amôr em dormencia.

Lisbôa, fevereiro de 1876.

XV

ESCUTA

> Voilà comme je t'aime. . . . .
> . . . . comme on aime l'aurore,
> Comme on aime les fleurs, comme on aime les cieux.
>
> VICTOR HUGO.

Não me culpes ingrata, oh, não me culpes,
Dever... eu não devia...
Reflete apenas um momento e dize
Se fallar-te podia.

Não te lembras de ver-me que no quarto
Eu sentado tremia?

Tremi... de não poder balbuciar-te
Que te amava, Maria.

Oh! quanto a longos mezes, eu coitado,
Não peito meo guardava
Em silencio de claustro, a chamma intensa,
Que dentro me lavrava.

Eu tentei deslacar meos labios tremulos,
Quiz fallarte e não poude... oh! sacrilegio!
Mas... como?! profanar!
O derradeiro... ai, sumido e breve
Déste anjinho que as azas sacudia
Tentanto aos ceos voar?!

Outra vez te encontrei! oh se podia
Ter-me a teos pés lançado, e de joelhos
Dizer quanto te amava.
Mas respeiteí de um pae, a dõr profunda
E de uma aflita mãi o amargo pranto
Que em bagas derramava.

Lisbôa, outubro de 1875.

XVI

EM SEOS BRAÇOS

> Oh! vem hermoza a mis cansados brazos,
> Yo quiero amar-te y delirar tambien.
>
> ZORRILLA.

Nos braços da minha amante,
Nos braços d'ella cahido
Eis-me afinal! Meo sentido,
Todo meo ser engolfado
Em morno efluvio celeste,
Que brando e brando goteja,

Dos labios seos onde adeja,
Fogo de um peito abrazado.

Da-me tua fronte, teos labios;
Da-me as rozas purpurinas
Que em teo rosto, peregrinas,
Exhalam da vida o aroma;
Da-me teo collo, teos olhos;
Accende em mim mil desejos,
Deixa que banhe em meos beijos
Teos braços, tua negra coma.

Não sabes oh! Julienne,
N'estes dias de amargura,
Quanto punhal, quanta agrura,
Meo peito despedaçaram;
Banhei-me em dores atrozes,
Arquei com taes saffrimentos,
Que por bastantes momentos...
Oh! quazi que me matáram

Mas hoje me tens de novo,
Aos meos penates voltado,

Para em teo collo inclinado
Dar-te em beijos minha vida;
Captivo — render-te o culto
Que o escravo — cede a rainha,
O beijo flôr — a rozinha
E eu a ti, minha querida.

Paris, 22 janeiro 77.

XVII

ELLA DORME

Aqui no leito meo tranquilla dorme,
De uma noite amorosa fatigada,
Os braços semi-nús, arfando os seios,
A bella minha amada.

Languida em seo somno voluptuoso,
Formoza na marmorea palidez
Que as palpebras lhe cerca, mais formoza
Na indiscreta, patente e alva nudez.

Não ter eu harpa eólia e cantos d'oiro
P'ra teo somno orvalhar de uma harmonia,
Etherea — como um ai que um peito exhala,
Sentida — como um canto de elegia.

Que importa harpas celestes se cantar-te
É meo dever? me manda o coração?
Oh! dorme anjo de amôr, tranquilla dorme
Favorita sonhando em teo sultão.

Em beijos eu te embalo apaixonado,
De teo sôpro enfiltrando este meo ser,
Que em teos labios sedento busca vida,
Nos braços nús prazer.

Ao calido perfume dos lençoès,
Ao cahir somnolento em mar de gozos
Passados em vigilia terna e meiga,
Em beijos amorosos,

Dorme sob o docel amplo e cerrado
Do leito meo na dubia escuridão.
Oh! dorme anjo de amôr, tranquilla dorme,
Favorita sonhando em teo sultão;

Paris, janeiro 77.

XVIII

PERDÃO MINHA MÃI

Perdão oh! minha mãi se a branca tunica
De innocencia e pudôr,
Em febre juvenil rojei-a louco,
N'um vil, n'um baixo amôr.

Perdão oh! mãi perdão, se nos amplexos
Nervosos da perdida,
Me deslembrei de ti por um momento,
De atonia moral, de esquecimento,
De mórte sobre a vida.

Perdão se estes meos labios se afogaram
Em beijos asquerosos,
Perdão se renadei no collo d'ella
Em tremulos ais de gozos.

Perdão se nos lençóes da prostituta
Minha alma apodreceo,
Baixei ao estirquilinio, e n'esse pego
Meo ser se corrompeo.

Desci! Eu me arrependo. Oh! retrahir-se
Quando ha erro, é sublime...
Vem n'um beijo de mãi purificar-me,
Lavar meo negro crime.

No recinto trevoso e pestilente
De um sujo lupanar
Eu me entranhei... perdão meo anjo loiro,
Meo anjo tutelar.

Desvairado incensei um Deos corrupto.
Fiz por elle correr meo estro em fogo,
Ás nuvens levantei-o.
Minha lyra tremeo, teve desmaios,

Arfou canções de amôr, prostituio-se...
E eu captivo adorei-o.

Mas... a nodoa se esvaia e despareça
Do polido cristal do meo passado
Sem veios, sem senão!
Em cinza e fumo tornem-se as offrendas!
As cordas que o cantou, todas estalem...
E minha mãi... perdão!

Paris, janeiro 77.

XIX

A UM AMIGO

Não procura jamais trocar p'las minhas
As dores que te ralam;
Não sabes que de angustias anciadas,
As cordas d'este peíto arado estalam.

E'tão fundo o pungir que me lacera,
Tão lento o agonizar do meo soffrer,
Que por vezes eu desço a tal marasmo,
Que julgo enlouquecer.

Oh! não queiras, amigo, oh! não procures
A mim te semelhar,
Váe contente na aragem que te leva,
E passa em teo caminho sem me olhar.

Tu tens mil glorias te embalando o somno,
Tens um futuro que resplende em luzes,
E eu pobre errante onde não vejo o escuro,
Tropeço sobre cruzes.

Tens harmonias, jardins, coro e sorrisos,
D'incenso tens mil fluidas serpentinas,
Nos ceos a se perder... tens, fingímento
D'essa turba nojenta de rapinas.

E eu — prantos e amarguras n'um deserto,
Silencio, escarneo e dores;
És ríco — eu pobre — terás palma e flores,
Eu — um sepulcro que me aguarda... e perto!

Paris, 1876.

XX

PERDOA-ME

Perdão, mulher, se n'esses sonhos de oiro
Que outrora tive no fulgôr da vida:
Mostrei-te um mundo de cristaes suaves,
Alimentei-te as illusões, querida!

Menti-te sem saber quanto mentia!
Se te enganei—perdão! pequei... sem crime!
A vida oh virgem pura,

Foi que — trevas pintou-se paraizos
A traz de um prisma de celeste alvura.

Sonhava e cria que os meos vagos sonhos
Da epopeia do amôr fosse um fragmento...
E o sonho de hontem nas auroras de hoje
Desfez-se em fumo que desfaz-se em vento.

Eu persequi-te com fervôr e extremos,
Dahi meo erro todo inteiro veio...
E tu deveras desprezar-me oh louca,
E não lançar-te no meo febreo seio.

Erramos crianças na rêde embalados,
Na rede volatil do mais fido amôr,
Erraste singella, quando eu innocente,
Errei desvairado dos sonhos no ardôr.

Engano terrivel — bafagem dos pampas —
Murchou-me as insomnias crestando essa flôr,
Insonte, crescida, no peito alentada,
Aos meigos carinhos do mais pulcro amôr.

E nesse amôr virgem bella,
Não encontras oh! donzella,
Nem o raiar de uma estrella,
Nem um riso d'esperança...
Oh! nos meos braços, Maria,
Tudo é negro — não faz dia,
Reina — o estertôr, a agonia.
O pranto — por harmonia, —
E a procella por bonança.

Sim... que terrivel desgraça,
Que queres, anjo, que eu faça,
Se é d'essa putrida massa,
Que desabou a sentença,
Elles torceram-me o pulso,
Fazendo pairar convulso
Nos meos labios o — soluço —
No peito meo — a descrença.

Aquillo que á noite, amada,
Quando eras tu debruçada,
Nessa janella adorada,
Foi tanto nosso scismar:

E que tão facil julgamos,
No vaguear de crianças
Ora o vejo sem esperanças,
Que é impossível tentar!

Oh!... renuncia portanto...
Quebra da vida esse incanto,
Lava teo peito de pranto,
Rompe esse véo illusorio
Tecido no coração.
Queima, esmaga, essa corôa
Que nos custou tantos sonhos,
Tão felizes, tão risonhos...
Mas dá-me... dá... meo perdão!

Paris, fevereiro 77

XXI

ESQUECE-ME

> Tudo passa; mas uma propria eternidade nâo apagaria a chamma que hontem colhi em teos labios, a chamma que sinto em mim.
>
> GOETHE.

Esquece, amada, quem te adora em luta,
Esquece, oh bella, quem te amou insano,
Louco pairando sobre um cahos em chammas,
Ebrio dormido sobre um falso engano.

Queima, donzella, minhas longas cartas,
Sopra-lhe as cinzas no soprar das brisas,

Deixa perder-se meos cristaes de pranto,
Que o amôr gravou sobre essas folhas lisas.

Criança incauta no teo peito afoga
Essas ternuras que se espelham tredas:
Anjos voando na amplidão dos sonhos.
Sonhos creados em colchões de sedas.

Oh não te emballes no vapôr incerto,
Na molle espuma que desfaz-se ao vento,
Louca poesia, branca pomba etherea,
Beijando a terra n'um subtil momento.

Deixa de enlevos, de sonhar na vida!
Não se gue o estro a cavilosa amante
De mais caprichos — essa vil sereia.
De mais astucia sobre o mar errante.

É ell a esp'rança vaporenta e perfida:
Ell a tragedia de um findar mais triste:
É o estro, oh linda, o paraizo ardente
De mais serpentes que no mundo existe.

Cuida na vida e as visões espanca;
Louca não troques sobresalto e dôr,

Pranto e miserias que ao meo lado encontras
Como bafagens do meo sacro amôr,

Pelas meneios que te dão mil gozos,
Nesse rem anso de um tranquillo estar,
Que unida a outro mais feliz na terra,
É certo achares no teo ledo amar.

De mim te esquece... mas qual vaga sombra
De um breve sonho que esvoou ligeiro,
No cristalino dos teos ceós de virgem,
Guarda esse amôr que te inspirei primeiro;

Enquanto eu guardo, minha doce musa,
A ebria imagem désse amôr tão puro;
Co'a ponta em fogo de um buril gravado,
Nas fundas dobras do meo peito escuro.

Paris, fevereiro 77.

XXII

FOI DE RELANCE

Eu a vi só de relance,
N'um brando alar feiticeiro,
Tão momentaneo e ligeiro
Como um sonho de esperança,
Risonho, breve, fugace,
Que nos vem quando inda puro,
Se sente o homem futuro,
E ainda somos criança.

Eu a vi só de relance,
N'um minuto venturoso,
Que se escoou vaporoso
Como a sombra de uma luz
Sobre o aço retratada;
Como a espuma que cresce,
Que baloiça e desfalece,
E morre alem flux a flux.

Eu a vi só de relance,
N'um perpassar doidejante,
Qual o voar cambiante
Da borboleta na flôr;
E foi-me bastante apenas,
Esse passar tão furtivo,
Para tornar-me captivo,
Para incender-me de amôr.

Paris; fevereiro 77.

XXIII

A MARIA

Golpes, dôres, lutas, ancias,
Seculos, eternidade,
Ventanias, tempestade,
Não quebram, não rompem não,
Os élos mysteriosos,
D'essa cadêa de palmas,
Que unifica nossas almas,
Que nos prende o coração.

Podeis abrir oh ceos as lobregas gargantas,
Diluvios sem parar, igneas quedas gigantas,
Vomita sobre o azul...
Meos labios entre os d'ella, os dois n'um só fundidos
Boiando flôr á flôr dos crespos vagalhões,
Tumidos, desabridos...
Em calma romperei os atros turbilhões
Desfeitos a fugir, impulsos para o sul...

Oh Deos! atira um mundo... um mundo de granito
Encrava no teo chão,
De sobre os Andes faz, mil Andes encimar,
Estende entre nós dois as sombras do infinito,
Que não consequirás de um atomo exilar,
O nosso coração.

Podes, Deos invejoso, arrebatal-a,
Em teo throno de luz ir colocal-a,
Podes tudo idéar...
Terei um raio de colera incendida
Que escale nuvens... céos... e da guarida
Olympica lá mesmo a vá roubar.

De te adorar meiga estrella
Nada, nada impedirá,
Nenhum Deos, nenhum portento,
Nosso eterno juramento,
Quebrará.

Nossas almas se pertencem
— São petlas do mesmo lyrio —
Vivem juntas, bem unidas,
Fazendo de duas vidas,
Uma vida — um só martyrio. —

Paris, fevereiro 1877.

INDICE

Pag.

Ao leitôr. 7

LIVRO PRIMEIRO. — ADEJOS

I. — Aos Maranhenses. 11
II. — A Antonio Gonçalves Dias. 15
III. — Deos. 19
IV. — A Naufraga. 21
V. — Maldiçao 24
VI. — Dilirio 27
VII. — Ao chegar a Pariz 30
VIII. — Na Escola de dissecçao 38
IX. — A dissecar 42
X. — O Hospital 44
XI. — A duvida. 49
XII. — Quando eu tiver vinte annos. 53
XIII. — O que eu sinto 57

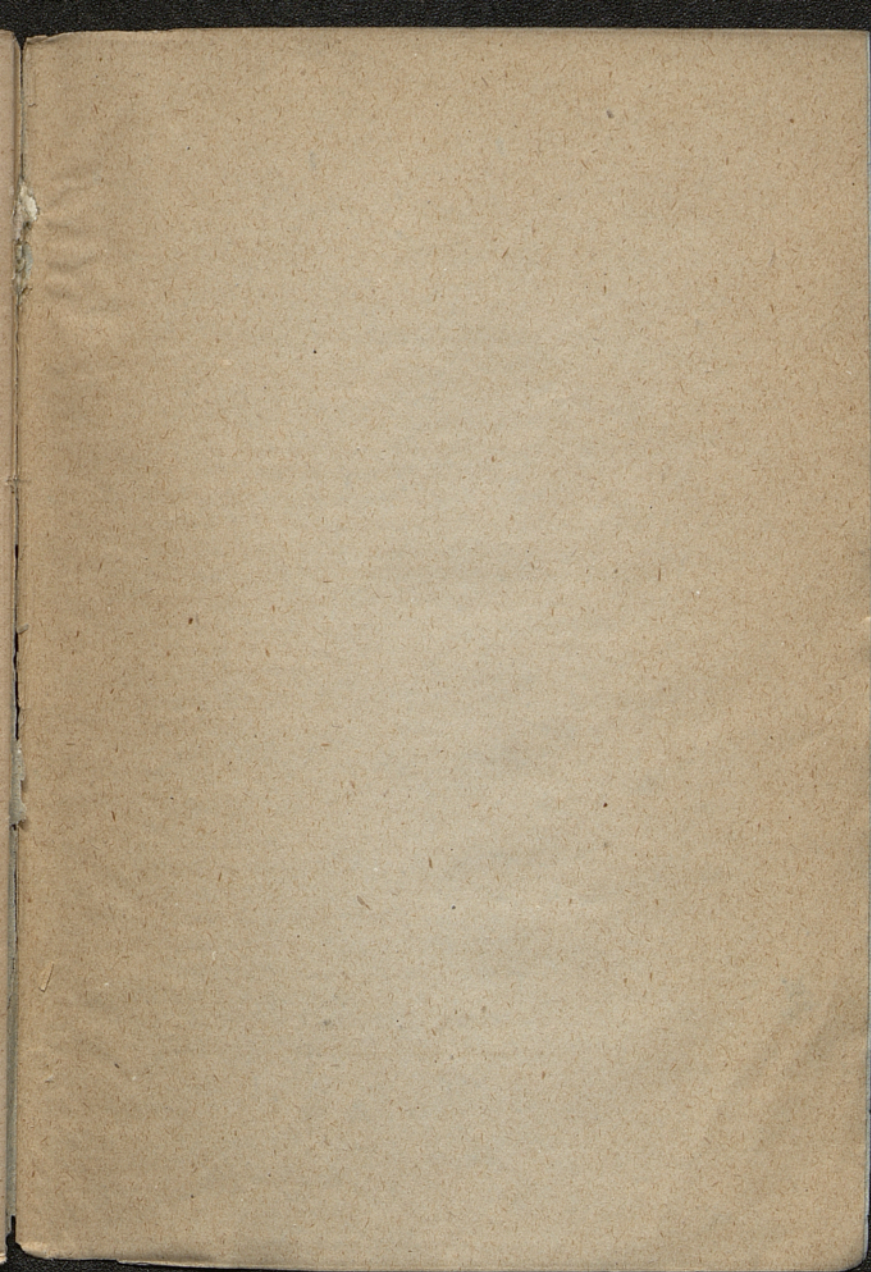
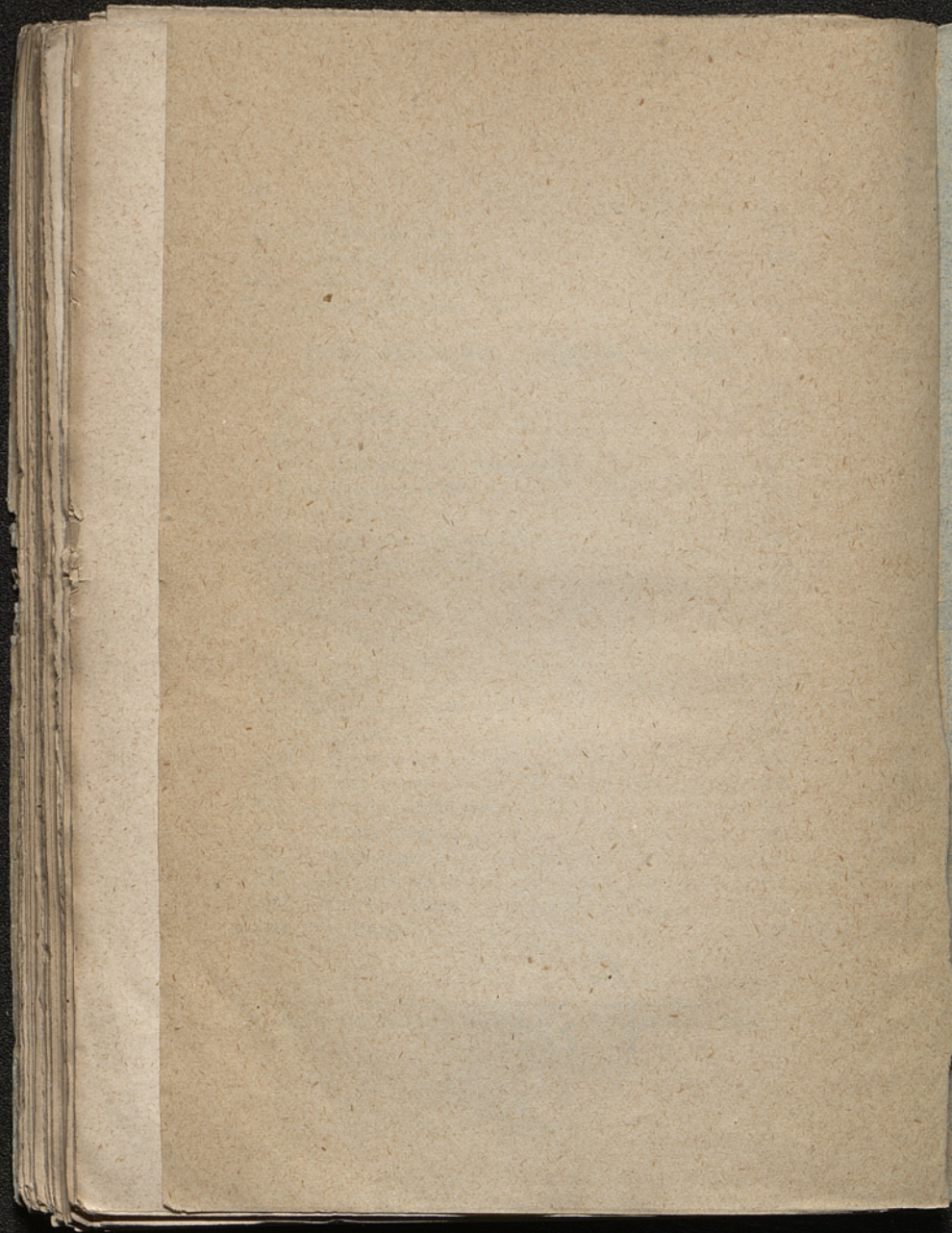
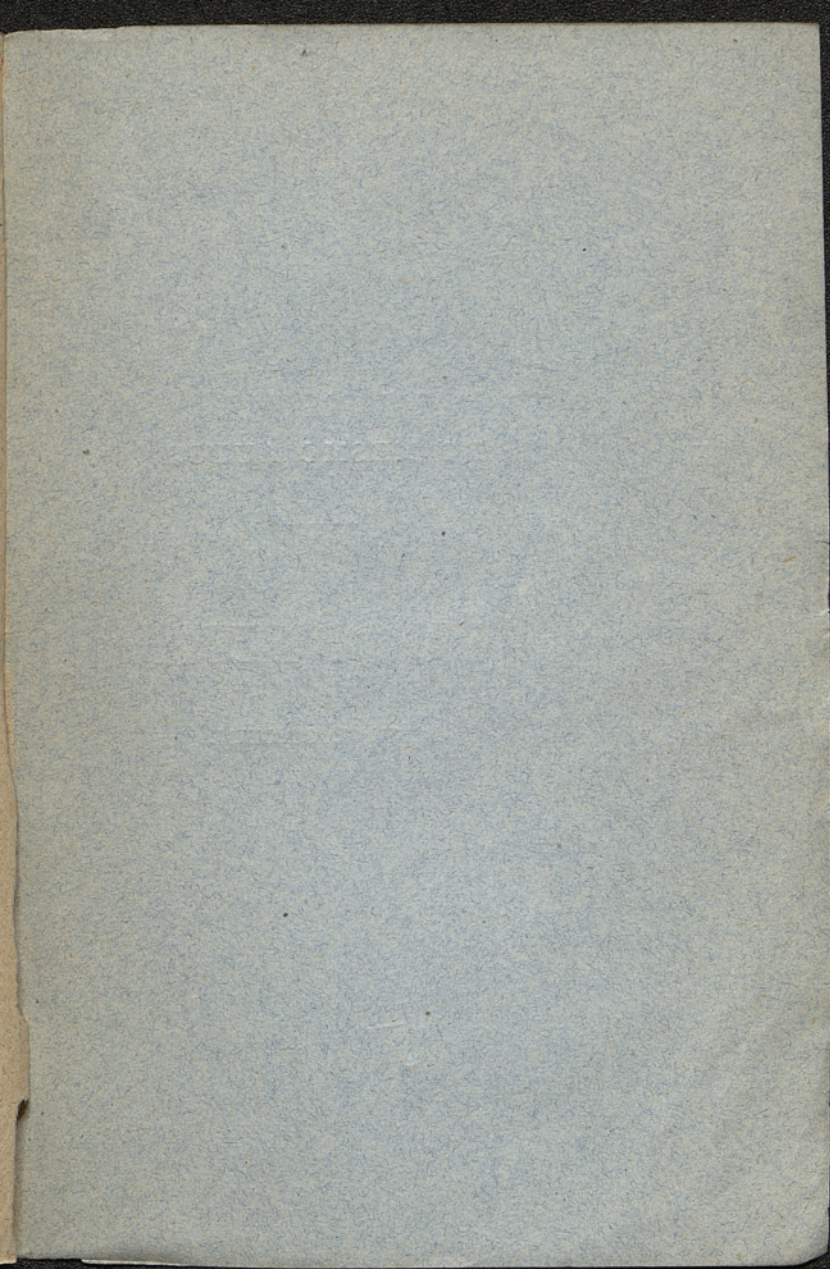
LIVRO SEGUNDO. — SONIDOS

I. — Saudades. 65
II. — O canto do tymbira 68
III. — Reminiscencias 72
IV. — Amôr, pranto e saudade 75
V. — O canto do Corsario. 80
VI. — No jardim. 84
VII. — A pastora. 87
VIII. — A çaza-Verde. 90
IX. — Sobre o Tejo 92
X. — O estudante e a cachopa. 96

Pag.
XI. — O que me falta 99
XII. — Resposta a alguem 102
XIII. — Eu vi uns olhos 104
XIV. — Meos nove annos 107

LIVRO TERCEIRO. — POESIAS INTIMAS

I. — Catalina. 113
II. — A Carroceira 115
III. — Rosa cha 117
IV. — Meo quarto no Seminario 120
V. — Estancias a Mme A. 124
VI. — Na praia 128
VII — Nas costas de um bilhete 132
VIII. — A primeira carta 134
IX. — Helena 137
X. — Desejas !?. 140
XI. — A troca. 143
XII. — Lembras-te ? 145
XIII. — Recordas-te ? 148
XIV. — Quem me dera. 151
XV. — Escuta 154
XVI. — Em seos braços 156
XVII. — Ella dorme. 159
XVIII. — Perdão minha mai. 162
XIX. — A um amigo. 165
XX. — Perdoa-me 167
XXI. — Esquece-me 171
XXII. — Foi de relance. 174
XXIII. — A Maria. 176

PARIS. — TYPOGRAPHIE A. POUGIN, 13, QUAI VOLTAIRE. — 10292

NO PRELO

DO MESMO AUTOR

LUCREZIA

ROMANCE ORIGINAL